

ADRIANA VICENTE

Artistas
de rua
além dos
clichês



EDITORA CASA FLUTUANTE
LIVRO-REPORTAGEM & ACADÊMICOS

ARTISTAS DE RUA ALÉM DOS CLICHÊS

ADRIANA VICENTE

ARTISTAS
de rua
além dos
clichês



EDITORA CASA FLUTUANTE
LIVRO-REPORTAGEM & ACADÊMICOS

São Paulo, 2016

© 2016 by *Adriana Vicente*

Livro-reportagem apresentado como trabalho de conclusão de curso, uma exigência para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo do FIAM-FAAM - Centro Universitário.

Diretora da Escola de Comunicação

Prof.ª Ms. Simone Espinosa

Coordenador do curso de Jornalismo

Prof. Dr. Vicente Darde

Orientador

Prof. Dr. Marcos Zibordi

Capa e diagramação

Israel Dias de Oliveira

Revisão

Jacqueline Viana

Fotografias

Ademir Fheliz | Adriana Vicente | Antônio Carlos | Liênio Medeiros | Jonas Tucci
Luciano Marra | Lufe Bollini | Monique Bourganos e arquivo pessoal dos artistas

Catlogação na Publicação: Editora Casa Flutuante

V632a VICENTE, Adriana

Artistas de rua além dos clichês / Adriana Vicente. — São Paulo:
Editora Casa Flutuante, 2016.

ISBN 978-85-5869-020-1

1. Arte e recreação 2. Música 3. Artistas de rua 4. Livro-reportagem
I. Título

CDD 700

CDU 79.394

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à Adriana Vicente

EDITORA CASA FLUTUANTE

Rua João de Castilho Pinto, 79 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2567-6904

www.editoraflutuante.com.br

Dedico essa obra ao meu querido avô e minhas queridas avós que não estão mais presentes para poder lê-lo e aos artistas de rua das diversas regiões do Brasil que espalham cultura e arte.

*Os grandes artistas são aqueles que impõem à
humanidade a sua ilusão particular*

Guy Maupassant

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo amor e apoio ao longo desses quatro anos de caminhada acadêmica. Sei que também não foi fácil para vocês.

À Letícia Rello (você não poderia deixar de estar aqui), obrigada pela paciência e compreensão ao longo desses quatro anos, no trabalho e na vida, principalmente nesses últimos meses.

Ao meu orientador, professor Dr. Marcos Zibordi, pela dedicação, ajuda e paciência com essa pisciana ansiosa. Obrigada por emprestar um pouco de seu conhecimento e experiência para moldar esse livro.

Aos artistas que participaram dessa obra e que doaram um pouco de seu tempo, me deixando conhecer suas rotinas e histórias.

E a todos que fizeram parte desse livro.

Blessed Be!

SUMÁRIO

MOTIVOS PARA COMEÇAR DE FORA PARA DENTRO.....13

"A GENTE É UMA RESISTÊNCIA,
PORQUE A GENTE É O QUE NÃO TEM".....17

PRISCILA, A ARTESÃ:
PÉ NA ESTRADA DESDE OS 15 ANOS DE IDADE.....35

JOÃO FRANCO, O UTÓPICO PALHAÇO DOS ÔNIBUS.....53

RADIOATIVIDADE MUSICAL COM CHEIRO DE PICANHA?.....69

"QUE O DINHEIRO NÃO SEJA UM EMPECILHO PARA
COMPARTILHARMOS ARTE".....93

ARTISTAS DE TUA NA CAPITAL PAULISTA:
A QUESTÃO JURÍDICA.....109

CONCLUSÃO?.....121

MOTIVOS PARA COMEÇAR DE FORA PARA DENTRO

Andando pelas grandes avenidas comerciais e pelo centro de São Paulo, é comum vermos cada vez mais artistas de rua desenvolvendo seus trabalhos nas calçadas. Músicos, malabaristas, pintores, artesãos, dançarinos e uma série de outros ofícios tornam as ruas, muitas vezes, grandes palcos para apresentações e transformam o dia de quem os assiste. A arte de rua é democrática, acessível. Ao contrário do que se pode pensar, muitos destes artistas vivem nas ruas por opção, maior contato com o público, maior liberdade, entre outros motivos que este livro-reportagem pretende narrar.

Define-se genericamente como “arte de rua” todos os tipos de intervenções artísticas, tais como apresentações de dança, música e poesia, estátuas vivas, contorcionismos e atividades circenses nas ruas das grandes cidades. Sem um surgimento exato, a arte de rua possivelmente começava a tomar forma na Idade Média, com os trovadores, que

recitavam poemas, também chamados de cantigas ou trovas, em espaços públicos. O teatro de rua também contribuiu para essas manifestações artísticas como conhecemos hoje. A *Commedia Dell'Arte*, surgida na Itália entre os séculos XV e XVI, foi uma forma de teatro popular improvisado, onde seus integrantes, que também eram conhecidos como artistas mambembes ou saltimbancos, viajavam em carroças e faziam apresentações em ruas e praças.

Com a arte de rua crescendo em São Paulo neste terceiro milênio, surgiu a necessidade de uma lei para regulamentar as atividades. Em 29 de Maio de 2013, na gestão do prefeito Fernando Haddad, foi aprovada a Lei nº 15.776, que permite e regulariza as apresentações desses artistas em praças, parques e ruas, bem como a venda de materiais e produtos de autoria própria.

Um decreto anterior assinado em 2011 pelo então prefeito Gilberto Kassab decidiu que os artistas não podiam comercializar tais produtos, sendo permitidas somente as colaborações voluntárias das pessoas, o famoso “chapéu”. A nova lei melhorou e regulamentou o trabalho nas ruas, abrindo espaço para que mais artistas pudessem efetivamente exercer sua profissão.

Embora a arte de rua venha crescendo exponencialmente, a falta de valorização e reconhecimento do trabalho ainda é um dos grandes obstáculos enfrentados diariamente por essas pessoas. Muitas vezes eles têm que tirar dinheiro do próprio bolso para manter sua arte, pois seu trabalho não é reconhecido e muito menos apoiado por qualquer órgão cultural. Como disse Renan Bleastè, ator gaúcho que se apresenta nas ruas do Centro de São Paulo por falta de verba para se apresentar em locais mais distantes:

— Eu acabo ficando mais limitado de certa maneira à zona central, porque eu moro na divisa dela com a zona Leste, e eu não tenho subsídio. Então fica difícil, sem uma estrutura, avançar os locais de apresentação para mais longe. Eu não me sinto um artista do centro, mas eu geralmente me apresento mais no centro, por todas essas questões. Eu tenho tentado maneiras de estruturar, e inclusive propus um absurdo de 87 cidades diferentes de todas as 14 macrorregiões do estado de São Paulo num edital recente de circulação de rua, mas, apesar de constar que é prioridade a descentralização no edital, o meu projeto não interessou ao pessoal do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura.

Por conta de fatores como esse, grande parte dos artistas de rua fica concentrada nas regiões centrais. Porém, existem muitos outros espalhados pelas ruas da cidade e também pela Região Metropolitana, com um trabalho por vezes não tão conhecido como o daqueles que se apresentam na Avenida Paulista, por exemplo.

Assim, o objetivo deste livro-reportagem é exatamente fugir do clichê de que os artistas estão somente nessas regiões centrais e mostrar, de uma forma mais abrangente, seu trabalho pelas diferentes regiões da capital paulista, começando pela Região Metropolitana.

Para isso organizei os capítulos a seguir de forma que o leitor comece conhecendo a realidade a partir das bordas da capital paulista. Começo tratando da articulação de artistas na Região Metropolitana de São Paulo, depois conhecemos uma artesã de um bairro distante do centro, para em seguida embarcarmos nos ônibus da cidade atrás de um palhaço e finalmente encerrar o passeio no ponto mais badalado para esses profissionais, no espaço entre a Avenida Paulista e as ruas e praças do centro da capital.

Comecemos, portanto, de fora para dentro, o que me parece um movimento bem mais natural do que começar pelo centro, pela situação evidente. Chegaremos ao miolo da cidade no final da viagem, como acontece com tantos cidadãos, artistas ou não, que se deslocam diariamente das margens da capital paulista para ganhar a vida no centro de São Paulo.

“ A GENTE É UMA
RESISTÊNCIA, PORQUE
A GENTE É O QUE NÃO
TEM”

São Bernardo do Campo é um município pertencente à Região do Grande ABCD (que inclui ainda Santo André, São Caetano do Sul e Diadema), e fica a aproximadamente 22 km de São Paulo. Como qualquer outra cidade, também possui artistas de rua. Porém, em São Bernardo, os artistas não têm nenhum apoio da prefeitura, muito menos leis ou decretos que regularizem a profissão e, por conta disso, os que moram na região são obrigados a vir com sua arte e trabalho para as ruas de São Paulo.

Um desses artistas é o músico Fernando Machado, de 39 anos e mais de dez de carreira, conhecido como *Chapéu Wave Harmônica*. Fernando nasceu em São Bernardo, onde mora atualmente, mas, por não ter oportunidades para exercer sua profissão nas ruas da cidade, se apresentava na Praça Benedito Calixto, em Pinheiros, zona Oeste de São Paulo, conhecida por receber grande diversidade de artistas de rua. Fernando é músico profissional formado em canto lírico pelo Conservatório

Musical de São Caetano do Sul e já ganhou alguns prêmios, como a medalha João Ramalho, destinada a pessoas que contribuem significativamente com o município de São Bernardo. Trabalha cantando e tocando gaita pelas ruas. Aprendeu sozinho, quando ganhou o instrumento por acaso de um rapaz que passava na rua. Desde então não parou de tocá-la. Sua mãe é ninguém menos que Amelinha, cantora de rádio nos anos 1960, ganhadora de festivais de música.

Conheci Fernando por meio do site *Artistas na Rua*, dedicado ao mapeamento dos artistas de rua da cidade de São Paulo. O site foi criado em 2012 por Celso Reeks, em parceria com a SPTuris (São Paulo Turismo). Lá, é possível que os artistas de rua se cadastrem, informando o dia, horário e local de suas apresentações, bem como visualizar um mapa da cidade de São Paulo com as apresentações e manifestações artísticas. Também é possível encontrar informações, notícias e curiosidades voltadas aos artistas de rua, bem como leis e decretos que regulamentam a profissão.

Minha ideia inicial era convidar Fernando para participar do livro; eu acompanharia seu trabalho durante alguns dias. Após conversarmos brevemente, recebi seu convite para uma reunião de artistas de rua que ocorreria em São Bernardo na mesma semana do meu contato, em setembro de 2016. Topei na hora. A reunião era a primeira organizada pela *Comissão de Cultura e Arte de São Bernardo do Campo*, criada pelos próprios artistas de rua.

— Vai ser uma comissão dos artistas de rua que estão pedindo uma gestão cultural. Nós vamos ouvir o clamor: o que o artista de rua precisa? Quais as leis para eles? Os artistas também precisam pagar suas dívidas. É muito difícil viver da rua. O artista de rua sofre muito porque não

tem apoio nenhum. Se ele se machucar, pronto: ele vive de gorjeta... Nós temos que ter o apoio da prefeitura. É por isso que eu estou fazendo uma reivindicação.

Fernando disse também conhecer muitos artistas que se apresentam nos faróis de São Bernardo, inclusive ma-labaristas de outros países, como Argentina e México, que acabam parando em albergues. A vida de um artista de rua nem sempre é fácil, o trabalho autônomo e ainda não reconhecido tem seus altos e baixos.

— Eu sofri, sofro até hoje, posso dizer que eu vivo entre o céu e o inferno. Acredito que é assim com todo artista de rua. Um dia você ganha aplausos fantásticos, você é querido, todo mundo quer te pagar um almoço, é tratado como um rei; no outro dia você toca às vezes para ninguém e nem 10 centavos faz no seu chapéu. É muito delicada a situação. O artista só quer se apresentar e passar seu chapéu, viver da sua arte, e aqui em São Bernardo nós não temos espaço para isso.

Em nossas conversas sobre as dificuldades na cidade onde mora, Fernando acabou me enviando um áudio, via mensagem de celular, de Silvio Luna, conhecido também como Laranjinha, outro músico local.

— Meu nome é Silvio Luna, tenho 30 anos de música em São Bernardo e eu nunca passei tanta dificuldade em fechar projetos na cidade nesses últimos quatro anos. Abandonaram a gente, abandonaram os artistas do ABC, de São Bernardo principalmente. Para ter uma ideia, eu tive propostas de trabalho para o Departamento de Cultura de uma cidade no interior, perto de Minas Gerais, só porque eles ficaram sabendo do trabalho que eu faço já há tantos anos em São Bernardo.

No dia da reunião, após uma viagem de duas horas, desço do trólebus na mesma rua onde aconteceria a assembleia e começo a procurar o local. Era noite de uma sexta-feira muito fria.

A poucos passos do ponto onde desci, na esquina, encontrei o endereço. Era um comitê que continha muitas faixas, cartazes e músicas sobre a candidatura de Orlando Morando (PSDB) à prefeitura da cidade. Surpreendi-me, uma vez que essa reunião, a princípio, só contaria com a presença de artistas de rua e não de políticos.

Havia duas mulheres na porta anotando os dados das pessoas que iam chegando. Uma delas, Carol, era também a organizadora da reunião, junto com Fernando. Elas já sabiam que eu iria; anotaram meu telefone e e-mail e me deram um papel para colar na roupa com o meu nome escrito, além de um adesivo do candidato a prefeito. A reunião era sobre os interesses e reivindicações dos artistas de rua, mas era também em prol da candidatura de Morando, que prometia incentivo à arte e à cultura de São Bernardo, a revitalização de praças e museus e a implantação de Fábricas de Cultura na região, oferecendo aulas de dança, música, teatro, circo etc. Segundo Fernando, São Bernardo nunca teve um político que se preocupasse ou incentivasse o trabalho dos artistas de rua, e por esse motivo grande parte estava apoiando o candidato. Fernando, inclusive, tinha se encontrado com o político e apresentado propostas.

O evento estava previsto para começar às 20 horas e atrasou cerca de dez minutos. Presentes estavam alguns artistas de rua e grupos culturais da região, como a *Associação Científica e Cultural Paleontos*, que trabalha com exposições voltadas à área de paleontologia, e a *Associação Federativa*

da *Cultura e Cultos Afro-brasileiros* (AFECAB), cujas integrantes, incluindo a presidente Maria Emília Campi, usavam vestimentas típicas das religiões afro-brasileiras, como turbantes e saias longas e brancas. Maria Emília fundou a associação em 2010 para promover os costumes afro-brasileiros e a cultura tradicional africana, desmitificando o desrespeito e intolerância.

Também estavam lá a candidata à vereadora Maria de Santana, que é cadeirante e tem alguns projetos para a inclusão social das pessoas com deficiência e o presidente e fundador do *Instituto de Arte do Brasil* (iARTES), de São Paulo, Ttoni Philippi, que trabalha há 18 anos com capacitação de pessoas com deficiência na área artística, promovendo a inclusão social.

— Estou aqui pela causa, que é a cultura, arte e a inclusão. A deficiência está na cabeça do ser humano.

Ao final da reunião, o livro *Em alto e bom som — Sensibilização Pela Arte*, lançado pelo iARTES, foi distribuído para todos que estavam presentes.

O local era uma espécie de galpão, com cadeiras de plástico organizadas em forma de fileiras. Reunião em local improvisado, mas de grande importância para os participantes. Quando todos escolheram seus lugares e se acomodaram, Fernando abriu o encontro.

— Boa noite. Eu gostaria de agradecer a todos que vieram para a nossa primeira reunião da *Comissão de Cultura e Arte de São Bernardo do Campo*, onde vamos tratar dos assuntos voltados para o artista de rua da nossa cidade; no caso, nós. Todos sabem o quanto é difícil viver da arte aqui e o quanto precisamos nos unir para que nossa voz seja ouvida. Essa é a nossa primeira assembleia, uma ouvidoria e apresentação de projetos.

Fernando, então, se apresentou, contando sua trajetória e a luta de todo artista de rua para ser reconhecido profissionalmente. O cantor conduziu toda a reunião, dando voz também a outros artistas que quiseram se manifestar. Aos poucos, foram relatadas as dificuldades: não recebem nenhum incentivo ou apoio da prefeitura, tampouco do governo; quando tentam conversar com o secretário de Cultura, mal são ouvidos e não têm sequer a chance de tocar em festivais locais como o aniversário da cidade, uma vez que a prefeitura contrata músicos de fora. O problema foi levantado pela cantora de forró pé-de-serra Bernadete França:

— Eu moro aqui em São Bernardo há mais de 30 anos. Aqui, em toda a minha trajetória, eu fiz somente três shows. Ano passado, eu fiz oito shows pela prefeitura de São Paulo e aqui eu não fiz nenhum. Não que eles não me conhecem, eles me conhecem, eles têm meus CDs. Eu pergunto para eles: “qual é a proposta para este ano?” e eles dizem que não têm dinheiro, mas contratam músicos de São Paulo para tocar aqui. Eu cansei de pedir, eu não procuro mais. Fiquei sabendo da reunião de hoje, quando vi o comitê, e decidi entrar. Quero trabalhar aqui onde eu moro e mostrar a cultura nordestina. Estou indo para a França cantar Luiz Gonzaga, porque lá eu tenho mais chances do que aqui na minha cidade.

Em outro momento da reunião, o locutor e diretor artístico da rádio Transamérica, Sergio Fialho, que trabalha em São Paulo, mas mora em São Bernardo, apresentou sua proposta para a área artística na cidade.

— Concordo que São Bernardo, e a região do ABC, é muito carente de arte e comunicação. Conheço muitos radialistas que saem daqui e gastam duas horas de viagem para

trabalhar em São Paulo. O que eu quero fazer em São Bernardo é trazer uma nova opção de trabalho para os jovens, com capacitação na área de comunicação. Por conta disso, eu montei um estúdio particular de rádio para dar aulas, onde eu também recebo alguns CDs de músicos para ouvir.

Um dos objetivos da reunião era também discutir e apresentar propostas para o meio artístico da cidade, bem como sua relevância e o que poderia ser feito. Por isso, uma das organizadoras andava entre os participantes perguntando se eles tinham algum projeto artístico para São Bernardo. As folhas com as respostas seriam repassadas para Fernando, responsável por encaminhar tudo a Orlando Morando. Ali, foi constatado que muitos artistas da região não se conhecem, então foi proposta uma espécie de mapeamento semelhante ao *Artistas na Rua* que existe em São Paulo.

No final da reunião, Fernando apresentou seu amigo, o músico Wagner Fulco, que mora nos Estados Unidos e é produtor de nomes como o cantor Snoop Dogg. Wagner veio especialmente para a assembleia:

— Estou aqui porque eu acredito que seja muito importante essa reunião. Espero que vocês possam implantar arte e cultura na cidade e que São Bernardo vire exemplo para outras localidades do Brasil. Acho que vocês estão no caminho certo para fazer isso acontecer.

Depois de mais alguns discursos, a reunião acabou, mas meu trabalho de reportagem estava só começando. Nas minhas andanças pela Região Metropolitana, também estive em Suzano, onde encontrei problemas semelhantes quanto à desvalorização e falta de reconhecimento dos artistas, tanto por parte da prefeitura quanto dos moradores.



Malabaristas de Suzano no Bagunçarte. Foto - Antônio Carlos

— O que a gente quer é um espaço para fazer nosso trabalho. A prefeitura tem como ceder esse espaço, mas falta boa vontade. Nós só queremos isso.

O autor da declaração é o malabarista Luiz Ficco, 21 anos, que me encontrou na Praça João Pessoa, a poucos metros da estação de trem com sua bicicleta e uma enorme mochila nas costas que guardava as claves para fazer malabares e a gasolina para suas apresentações de pirofagia, espécie de malabarismo com tochas acesas. Ficco costuma se apresentar no farol sobre um monociclo criado por ele. O artista é malabarista, palhaço e artesão há cerca de três anos. Nasceu e mora em Suzano, onde trabalha nos faróis com seus amigos do grupo “Somos 13”.

Andamos até chegar à prefeitura de Suzano. No caminho, pergunto sobre a rotina de trabalho nos faróis.



Luiz Ficco. Foto - Antônio Carlos

— No fim do mês é sempre pior porque as pessoas estão sem dinheiro. O começo do mês para nós é melhor, a galera dá uma atenção diferente.

A prefeitura ocupa grande área, e numa praça que serve de estacionamento e local de encontro dos moradores, sentamos no famoso escadão para que Ficco pudesse arrumar seus instrumentos de trabalho. Enquanto conversávamos, Vitor Alves, outro integrante do “Somos 13”, chegou para encontrá-lo, pronto para mais uma tarde nos faróis.

— Isso aqui que você está fazendo com a gente é o nosso cotidiano. A gente vem, conversa, toca alguma coisa, treina, e é isso que me faz querer ficar aqui. A gente se junta nessa praça todos os dias para treinar, mas fazemos isso aqui porque não temos nenhum lugar apropriado onde nós possamos ficar.

Os dois jovens disseram não receber nenhum incentivo ou apoio por parte da prefeitura, que se nega a atendê-los, alegando falta de verba, alguém responsável ou espaço.

— Eles recusaram todos os projetos que envie, sem ler. Eu colocava o projeto e o cara falava que não tinha verba para isso, e eu dizia: “mas você nem leu, eu não estou pedindo verba, eu preciso de um espaço, qualquer espaço”. Aí diziam que a prefeitura de Suzano não tem espaço. Toda vez é assim. Sempre vão arrumar alguma desculpa. Se a gente falar que quer conversar com o prefeito, a primeira coisa que vão dizer é que a gente não pode subir lá.

A ideia dos malabaristas é ter qualquer espaço onde possam executar suas atividades artísticas, dar aulas, reunir mais artistas, enfim, promover arte e cultura, principalmente para crianças e jovens. A cidade é grande, com muitos artistas de rua que não se conhecem. Um espaço apropriado certamente chamaria a atenção dos demais. Vitor, inclusive, pesquisou alguns lugares que são da prefeitura e que poderiam funcionar como uma oficina cultural, mas que estão abandonados, ocupados por moradores de rua ou por usuários de drogas.

— Nossa ideia é ter um espaço perto da estação porque qualquer pessoa pode chegar, por ser de fácil acesso. Ter uma ocupação aqui facilitaria muito para fazermos mais eventos e não ficar dependendo de moeda no farol.

Um dos eventos que são realizados em Suzano é o *Ba-gunçarte*: os malabaristas se reúnem na Praça dos Expedicionários, com outros artistas de rua, e fazem um espetáculo circense a céu aberto. Todas as sextas-feiras, uma grande faixa com o nome do evento é pendurada na praça onde o espetáculo começa sempre às 19 horas.

Ficco é o idealizador e organizador do evento. Os artistas arrecadam verba através do chapéu ou por meio de rifas

onde são sorteados quadros de pintores amigos e latas recicladas com grafites para decoração, por exemplo. Tudo é improvisado. Os taxistas da praça fornecem tomadas para ligar som e luz — uma só tomada serve para ligar um monte de coisa. O dinheiro recebido é investido em novos eventos.

— Às vezes, eu levo a *Bagunçarte* para outras cidades também, como Jundiaí e Praia Grande, com a mesma proposta de um cabaré circense, um espetáculo feito a chapéu. O tempo todo eu deixo bem claro para a galera que a contribuição é o que me mantém e mantém o projeto vivo. A gente é uma resistência, porque a gente é o que não tem. Suzano não tem nenhum ponto cultural, e nós somos o ponto cultural. Onde a gente está, acontece. Se nós pararmos, tudo isso acaba.

Ficco também recebe encomendas de artesanatos e faz eventos — como *raves* — em que usa pernas de pau, além de manter outro projeto (ufa!), o *Circo Realejo*, onde faz parceria com sua namorada, a bailarina Natasha Pessoa, com a mesma proposta de um espetáculo circense no qual o casal interage com o público. Diversos locais são palcos desse evento, como o Centro de Incentivo à Arte e à Música (CIAM), que promoveu o *Festival 6 Continentes*. O evento aconteceu no Carrão, zona Leste de São Paulo, quando algumas crianças, empolgadas, participaram da brincadeira e tiveram seus rostos pintados. A apresentação fazia parte do festival e ocorreu na rua, atraindo moradores da região e pessoas que passavam pelo local. Na ocasião, conheci Tatiana Mistieri, que quer levar a proposta de circo e teatro de rua para a periferia de Santo André.

— Eu quero mostrar para as crianças o que é um teatro, porque muitas nem sabem o que é isso. Também quero levar saraus para incentivar a leitura.

Os malabaristas de Suzano também têm de lidar com o preconceito de algumas pessoas que não conseguem entender o trabalho deles, tanto porque acham que não tiveram outra opção, como porque acham que eles não merecem receber por sua apresentação. Ficco alerta:

— Mal sabe a galera que eu tenho CNPJ e, se quiser, eu contrato quem está ali dentro do carro me olhando. Essa galera que não aceita não consegue entender esse momento que a gente tem aqui, agora. Nós queremos estar na rua, essa é a diferença.

O antropólogo Roberto DaMatta diz em seu livro *A Casa e a Rua — Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil* que esse preconceito pode ter surgido, em parte, pela maneira como enxergamos a rua. Aprendemos que a rua é um local profano, marginalizado, violento, carregado de significados e conceitos morais. Portanto, tudo o que leva o nome “rua”, em nossa sociedade, é visto como algo pejorativo, como as expressões “mulher de rua”, “vendedor de rua”, “morador de rua”, “moleque de rua”. Chamar esses artistas, portanto, de “artistas de rua”, embora atuem nelas, faz com que a carga negativa do significado da palavra afete diretamente o trabalho, legitimando o desrespeito.

A família também muitas vezes não entende a opção do artista. Vitor até hoje diz que seus pais não aceitam seu trabalho, que ao invés de estar nas ruas, ele deveria entregar currículos, pois tem uma filha de cinco anos e precisa pagar pensão, o que faz usando o dinheiro ganhado nos faróis e com a venda de artesanatos. Os pais de Ficco também não aceitavam seu trabalho nas ruas, mas hoje até apoiam o malabarista, que provou que consegue se manter.

— Os pais sempre pensam que a gente quer viver de moeda, não querem ver seu lado artístico realmente.

Após Vitor, Ficco e eu conversarmos um pouco na pracinha onde ficava localizada a prefeitura enquanto eles arrumavam suas claves, nós nos dirigimos para o farol de uma rua ao lado. Ali é o lugar onde os malabaristas costumam trabalhar e onde encontramos os outros integrantes do “Somos 13”, Lucas Lopes e David Goes, que começaram a treinar, jogando as claves e bolinhas para o alto. A imagem despertava curiosidade nas pessoas que passavam dentro dos carros e ônibus e de crianças que, do banco de trás, espivavam os malabaristas. Elas são as que mais se encantam, segundo Ficco.

— Uma vez estávamos fazendo farol e quando fomos passar o chapéu, uma mulher contribuiu com nossa arte e disse: “obrigada por fazer meu filho sorrir”. Aquilo me marcou. Tem criança que admira muito o artista, elas passam dando tchau, sorrindo, e isso é recompensador demais. Às vezes, a gente escuta uns comentários desagradáveis do tipo: “ah, vai trabalhar”, e ao mesmo tempo a gente escuta uns comentários como “nossa, obrigado”, “que show legal”, “sucesso”, “parabéns” etc. Então, uma palavra de vez em quando vale muito mais a pena do que um real, porque a pessoa dá um real achando que você é pedinte, com má vontade, e o outro não te dá um real, mas olha no seu olho e fala: “Deus te abençoe”.

Enquanto os outros treinam, Ficco se prepara para se apresentar. Assim que o sinal fica vermelho para os carros, ele corre para o semáforo e várias claves são jogadas com maestria para o alto. As tochas são acesas, e algumas vezes ele enche a boca com querosene ou óleo diesel para cuspir no fogo, formando uma grande labareda. O querosene acaba machucando a gengiva e, em algumas ocasiões, ele cospe um pouco de sangue logo depois da apresentação. Os movimentos são precisos e ele tem que ser rápido para que dê tempo

de passar o chapéu entre os automóveis. Volta para a calçada já com algumas moedas.

— Eu fiquei dez minutos no farol e recebi quinze reais. O trabalhador de carteira assinada fica um dia inteiro sentado em frente ao computador e recebe seis reais por hora e ainda vem criticar meu trabalho. Eu gosto de brincar, de me divertir no farol. Eu ganho minha vida ali, mas é minha diversão.

O malabarista começou a tomar gosto pela arte circense em Santa Catarina, quando conheceu pessoas que faziam malabares. No começo tudo era improvisado, com bolinhas feitas de bexiga e tochas com cabo de madeira. Só depois de algum tempo é que todos puderam comprar objetos profissionais, como as claves, que podem custar entre 40 e 130 reais. Lucas Lopes, um dos integrantes do grupo, conta:

— Material de circo é caro, e as minhas claves duram só seis meses.

Também há uma técnica para manusear as claves, que são as partituras semelhantes às de música: através de números se consegue montar truques ou sequências. Aprendi que malabarismo não é só lançamento de objetos. É giro, equilíbrio, dança contemporânea. Malabarismo é matemática.

Além da falta de reconhecimento da prefeitura, os malabaristas também enfrentam a truculência de guardas e policiais, muitas vezes causada por má informação e desconhecimento de leis que asseguram o direito da liberdade de expressão artística, como a Constituição Federal. Ficco conta que quando o grupo está em algum lugar treinando, a polícia ou os guardas chegam e pedem para que se retirem.

— Rola muita opressão, o policial vai vir aqui e não vai perguntar se você sabe da lei, porque ele acha que ele é a lei, então

ele vai chegar com uma arma na mão e dizer: “vão embora”. Nós estamos em um espaço público que pode ser usado. Eu estou aqui manifestando a minha arte, qualquer um tem o direito de se manifestar das dez às 22 horas sem quebrar nada, isso é lei. Há uns dias nós montamos um *Slackline* (fita de equilíbrio) entre as árvores, porque eu tenho um número em que eu a uso, e estava treinando. De repente, chegou a GCM [Guarda Civil Metropolitana] falando para eu desmontar. Ai eu perguntei quem tinha dado essa ordem, e ele não soube responder. Eu falei que não ia desmontar e nem parar de treinar, porque conhecia meus direitos.

Vitor arremata:

— Se a gente se une para fazer malabares aqui na praça eles não deixam, falam que a gente tem que procurar outro lugar, mas qual lugar se todos esses são públicos? Eles não deixam a gente ficar em lugar nenhum, é uma perseguição...

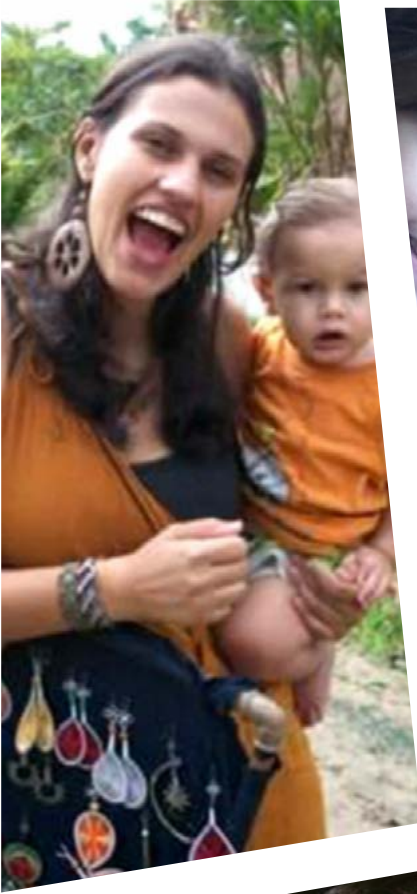
São Bernardo e Suzano enfrentam o mesmo problema que São Paulo enfrentava há alguns anos. Os artistas não têm apoio nenhum, tampouco incentivo, são ignorados e não são reconhecidos por seu trabalho. Em meio às reclamações, a principal, pelo que notei, é o direito de exercer a arte nas ruas, de forma organizada e regularizada.

Até chegar aos artistas que se apresentam nas regiões centrais de São Paulo, retratados nos dois capítulos finais deste livro-reportagem, ainda andarei bastante. Os próximos caminhos serão percorridos na capital paulista em locais onde artistas ralam durante a semana sem o glamour das apresentações dominigueiras na Paulista. No próximo capítulo narrarei a história de uma artesã que mora, por enquanto, na capital paulista, mas vive em um bairro distante do centro, no Jabaquara.





Beta WORK



PRISCILA, A ARTESÃ: PÉ NA ESTRADA DESDE OS 15 ANOS DE IDADE

Saindo da Região Metropolitana e indo direto para a Zona Sul da cidade de São Paulo, no Jabaquara, encontro a artesã Priscila Guedes Guardanini, de 32 anos, na casa onde por enquanto reside, em uma avenida calma que fica a poucos metros da estação que leva o mesmo nome do bairro. Dali até a Praça da Sé, no centrão da capital, são 25 quilômetros.

Assim como Fernando Machado, também conheci Priscila através do site *Artistas na Rua*, onde sua página no Facebook, a LUNA ART, está cadastrada. Ela prontamente aceitou participar deste livro-reportagem, motivada pela ideia de mostrar um pouco melhor seu trabalho e de tantos outros artesãos amigos, os chamados “malucos de estrada”, “malucos de BR”, “malucada” ou até mesmo “hippies”, como são mais conhecidos pela maioria das pessoas.

No dia marcado para nosso encontro, a artesã estaria em casa fazendo algumas encomendas (não trabalharia vendendo suas peças nas ruas próximas ao metrô Conceição, como

de costume), e foi lá que me recebeu para uma tarde regada a risadas, pipoca, refrigerante, sotaque mineiro e macramê. Conversar com Priscila foi muito fácil, em poucas frases já me senti à vontade. Ela transpareceu simpatia e disponibilidade para falar sobre qualquer assunto.

O horário combinado era 14h00, mas cheguei ao local meia hora atrasada. Isso foi bom, porque quando toquei a campainha que ficava localizada ao lado do pequeno portão com acesso a uma escada alta que levava diretamente para sua casa, ninguém respondeu. Ela também tinha se atrasado. Priscila estava no mercado e chegou poucos minutos depois, cheia de sacolas, em um Uno dirigido por sua tia, uma simpática mineira com sotaque forte. Vestia camiseta preta larga e calça de estilo indiano. Alguns *dreads* faziam parte do seu penteado.

Subimos as escadas e chegamos a outro pequeno portão que dividia o quintal. Entramos. Perto da porta de entrada, havia dois gatos um pouco assustados com a garoa que caía. A porta de entrada dava acesso ao primeiro cômodo da casa, uma espaçosa cozinha. Por ali chegava-se aos quartos de seus quatro filhos — Amanita (08), Davi (07), Luna (04) e Raul (03) —, à igualmente espaçosa sala e ao quarto de Priscila e seu marido, o também artesão *Thiago Tanzi*, de 26 anos, mais conhecido como “Ogro”.

Foi na sala que parte de nossa conversa ocorreu. Sentamos no confortável sofá enquanto a TV exibia desenhos, que os caçulas Luna e Raul assistiam ao mesmo tempo em que devoravam alguns bolinhos recheados de chocolate.

Durante nossa conversa, a artesã fazia um colar roxo em macramê (técnica onde se tece fios com as mãos) e eu comia a pipoca oferecida em generosas quantidades por sua tia. Por conta do horário escolar das quatro crianças, Priscila não está

saindo tanto para trabalhar nas ruas, fazendo seus artesanatos em casa e indo expor uma vez por semana no metrô Conceição.

— Na rua eu não consigo fazer direito os tramos porque vem uma galera perguntar preço e tal e eu tenho que dar uma atenção, então eu prefiro fazer tudo em casa, e também por causa do horário de escola dos meus filhos. Eu não tenho com quem deixar a Luna e o Raul, e duas crianças pequenas na rua dá muito trabalho. Eu tenho que ficar mais de olho neles do que nos tramos. Ano passado eu ia todo dia para a rua; esse ano eu tô ficando mais em casa.

A rotina da artesã mudou muito depois do nascimento de seus filhos. Sua primeira filha, Amanita, nasceu quando ela tinha 25 anos.

— Deu *pra* eu curtir bastante desde que eu comecei a viajar. Agora com os quatro tem que segurar a bronca, né? Mas aí eu deixo todos juntinhos e já era, vamos conhecer o Brasil.

Em seu braço esquerdo há uma tatuagem em homenagem à sua filha Luna — uma mãozinha com a frase feita das iniciais do nome da filha, *Luz Única Nascida do Amor*, escrita abaixo do desenho.

Priscila nasceu em São Paulo, mas morava em Minas Gerais quando, aos 15 anos, saiu de casa:

— Eu era adolescente e estava enjoada de tudo. Quis sair *pra* viajar e conhecer lugares e pessoas.

Foi então para São Tomé das Letras e lá aprendeu a fazer pulseiras. Eram seus primeiros passos para se tornar artesã. Os dias iniciais longe de casa foram os mais fáceis, depois percebeu que precisava de dinheiro e foi fazer artesanatos, as pulseiras que tinha aprendido. De vez em quando ligava para os pais avisando que estava bem, e com o passar do tempo eles foram se acostumando com a falta de notícias. Sua saída de casa não

foi traumática; seus pais entenderam e não reclamaram, mesmo com a pouca idade quando decidiu fazer isso. Conheceu seu marido em viagens; eles têm muitos amigos em comum, outros artesãos, a ‘malucada’, como eles dizem. Já conheceu oito estados e morou em alguns deles, mas boa parte de suas histórias são da época que morava em Minas Gerais.

— Nós já moramos na roça lá em São Tomé com as crianças. Era um cômodo só, pau a pique, super simples. A gente ia só uma vez por semana à cidade para comprar alguma coisa que precisava. Era muito bom. Depois moramos em Poços de Caldas em uma casa linda, super rústica, com tijolo, chão de madeira e tudo. Essa casa achou a gente, o dono não pediu fiador, até porque não temos, só pediu três meses de aluguel adiantado. A casa era o sonho de qualquer maluco. Ficamos dois anos lá, até que ano passado tomaram nossas coisas...

Priscila e Thiago expunham em Poços de Caldas desde que tinham se mudado para a cidade. Mesmo sabendo que a fiscalização costumava apreender os artesanatos da malucada, eles ainda assim arriscavam. Afinal, era uma cidade turística, com muita gente disposta a comprar suas peças. Porém, em meados de novembro de 2015, enquanto ela e mais um amigo expunham suas peças na rua, policiais chegaram e apreenderam tudo. Quando pedia para o policial devolver seus artesanatos, argumentando que aquele era o trabalho com o qual sustentava os filhos, eles foram irredutíveis, chegando a ameaçar prendê-la também.

— Eu não consegui aceitar isso. Fui embora, isso foi em uma sexta-feira. No final de semana minha cabeça *tava* a mil. Eu estava em casa sem meus trampos, sem dinheiro, com quatro crianças... Pegaram tudo, não tinha nem como eu comprar a matéria-prima *pra* fazer mais.

Foi então que Priscila ligou para sua mãe e pediu dinheiro emprestado para pagar a multa — cerca de R\$ 300,00 — e retirar seus artesanatos que estavam apreendidos. A taxa é um dilema que muitos artesãos enfrentam: sem dinheiro e sem os trabalhos, é quase impossível juntar essa quantia, e eles muitas vezes acabam pegando materiais emprestados de outros artesãos para levantar a grana e tentar retirar suas peças. Sua mãe se negou a dar a quantia, dizendo que ela deveria lutar por seus direitos. O motivo da apreensão era simplesmente porque a prefeitura local via os artesãos como camelôs.

— Depois dessas apreensões nós fizemos um protesto muito louco, e lá nunca tinha acontecido isso. Chegamos às 12h para fazer o protesto, que acabou por volta das 17h. Todas as emissoras de TV da cidade estavam lá. A gente conseguiu ter visibilidade e o prefeito resolveu chamar a gente pra conversar. Então conseguimos a devolução do material sem ter que pagar a taxa e expor novamente na rua. Eu saí de lá porque já estava enjoada da cidade, dois anos em um lugar já me dá vontade de ir embora. Mas a galera agora consegue expor tranquilo lá.

Minas Gerais: o estado da repressão

No estado de Minas Gerais Priscila viu muita repressão. Além de Poços de Caldas, a capital Belo Horizonte também ficou famosa pela onda de apreensões, preconceito, violência e manifestações.

O documentário *A criminalização do artista — como se fabricam marginais em nosso país*, produzido pelos integrantes do coletivo *Beleza da Margem*, mostra algumas imagens do tratamento desrespeitoso de Guardas Civis de Belo Horizonte contra os artesãos de rua na Praça Sete de Setembro, conhecida por ser uma das mais movimentadas da cidade,



A malucada em Poços de Caldas no dia dos protestos

em abril de 2011. Sem nenhuma justificativa legal, eles apreenderam o trabalho dos artesãos, causando prejuízo e indignação. Além disso, os veículos de comunicação que estavam no local fazendo as reportagens em nenhum momento ouviram os artesãos ou se preocuparam em mostrar outra versão para o fato.

O telejornal mineiro *Minas Urgente* exibiu uma matéria em 2011 na qual os repórteres confundem usuários de drogas com os artesãos de rua, sendo esses usuários chamados depreciativamente de *hippies*. É possível ver, nas imagens, pessoas comuns fazendo uso de maconha, mas, mesmo assim, o discurso que predomina é de que são os artesãos que estão usando a droga. A impressão que se tem ao ver a reportagem é a de que a jornalista responsável sequer teve o trabalho de pesquisar o significado e o contexto da palavra *hippie*, bem como a ideologia do movimento, que nada

tem a ver com o que as imagens mostravam: cidadãos comuns consumindo drogas, sujando ruas e dependências públicas.

A falta de conhecimento

O artista de rua, principalmente o artesão, ainda sofre muito preconceito e repressão pelas ruas das grandes cidades do país. Isso se dá pela falta de conhecimento e pelo senso comum de acreditar que o artesão não tem responsabilidades e fuma maconha o dia inteiro. Voltando à Priscila:

— Às vezes quando a gente ia expor na Paulista tinha muito barão que falava que estava se sentindo na Jamaica, que qualquer hora seria roubado.

Há grande desconhecimento e uma confusão de ideias quando falamos sobre os artesãos que trabalham nas ruas, sujeitos a julgamentos e estereótipos. São, por vezes, confundidos por algumas pessoas como mendigos ou pedintes:

— O mais impactante para mim foi quando tomaram minhas coisas em Poços de Caldas, mas sempre acontece alguma coisa preconceituosa. Uma vez barraram nossa entrada em um restaurante. Íamos comprar marmitex, mas já foram expulsando a gente dizendo que não tinha e tal, sendo que na porta de entrada estava escrito o valor da comida. Acabamos indo embora sem comprar nada.

O termo *hippie*, que foi transformado em uma palavra pejorativa para se referir a alguns artistas de rua, faz parte do movimento de contracultura dos anos 60, que tinha como ideias principais a conexão com a natureza e o despreendimento de bens e riquezas materiais como forma de protesto contra o capitalismo. Você deve conhecer a frase mais famosa do movimento, “peace and love”, ou paz e amor, tradução da filosofia de vida de seus seguidores.

O movimento hippie teve início nos Estados Unidos, entre os anos 50 e 60 quando, após a Segunda Guerra Mundial, o país se consolidou como a maior potência capitalista, dando origem ao modo de vida conhecido como “American Way of Life”, baseado nos hábitos extremos de consumo dos americanos. Dessa forma, surgiam também grupos de jovens, em sua maioria de classe média e alta, que contestavam esses hábitos exacerbados de vida, bem como tinham novas visões sobre amor, sexualidade, política, artes, preconceito, etc., buscando construir uma sociedade alternativa à existente na época. Os primeiros grupos a representar essa nova cultura se chamavam beatniks, precursores dos hippies, que já nos anos 50 criaram novos padrões e maneiras de contestar o sistema vigente. No Brasil, o movimento foi associado a manifestações culturais como o *Tropicalismo*, liderado por artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Tom Zé.

Embora artesãos e outros artistas que trabalham nas ruas possam se inspirar em movimentos culturais de contracultura, os amigos de Priscila se conhecem e preferem ser chamados de “malucos de estrada” ou “malucos de BR”. Thiago, marido de Priscila, define assim:

— É a nossa família, a gente tem uma família na rua, *nóis* é tudo maluco. Tem a galera mesmo que é a malucada, que é a resistência.

Em muitos estados, a repressão, violência e preconceito contra os artesãos é igual. Eles mal chegam e já são colocados de volta nas vans ou nos ônibus. Muitos policiais sequer os deixam ultrapassar os limites da rodoviária, de acordo com Priscila.

— No Rio Branco (Acre) os caras já te colocam na Kombi, e em outras cidades também. Isso acontece muito. A polícia

te vê e te leva para os escritórios de assistência social na própria rodoviária e já te encaminham de lá para a próxima cidade, dão passagem e tudo, praticamente te expulsam.

Em junho de 2015 a revista *Veja* causou polêmica com a reportagem *Avenida Paulista, o novo paraíso dos camelôs*, quando uma jornalista se passou por artista de rua para descrevê-los. A matéria os mostrou como simples camelôs, além de retratar toda a classe dos artesãos que trabalham em frente ao Shopping Center 3 com sensacionalismo. Muitos artesãos, como Piauí Ecologia, famoso artista de rua e ativista da causa que já é conhecido pelos arredores da Avenida Paulista, ao ter conhecimento da reportagem após sua publicação, mostraram indignação em suas redes sociais e fizeram protestos na Paulista dias depois.

Após eu e Priscila terminarmos de comer nossas pipocas sentadas no sofá, ela me convidou para conhecer o restante da casa e o ateliê que divide com o marido. O cômodo fica do lado de fora da casa, e para chegar até ele atravessamos um jardim no quintal dos fundos, onde Thiago preparava uma futura plantação de milho. A área é ampla e o casal costuma receber amigos ali.

Chegamos ao ateliê, um espaço apertado que serve também como lavanderia. A grande mochila de Thiago, com peças confeccionadas por ele, estava no chão, perto da entrada. Havia uma geladeira quebrada e usada como armário, que servia para guardar material, e também os panos, chamados de *mangueador*, com os brincos feitos por Priscila — muitos de couro ou penas de pássaros que foram encontradas nas estradas ou trocadas com outros malucos. Quando saem para as ruas, em boa parte dos dias, ela e o marido vendem tudo o que está pendurado no pano.

— O que mais vende no nosso cotidiano são as coisas mais simples mesmo, um brinco, um colar de pedra. Os colares mais trabalhados são para as pessoas escolhidas, não é uma coisa que se vende todo dia, é para aquela pessoa que ama trampo e quer aquele trampo. E é engraçado porque eu acho que é o trampo que escolhe a pessoa.

Priscila pegou todas as suas peças, as espalhou sobre uma mesinha dentro do ateliê e me explicou pacientemente como fez cada uma e o tempo que levou para produzi-las. Entre elas estavam colares de pedras, brincos, tornozeleiras que eram também bolsas, pulseiras e filtros dos sonhos, tudo em couro ou macramê. Os colares mais trabalhados, feitos de macramê, são os que mais me chamaram a atenção pela beleza, riqueza de detalhes e capricho com que foram produzidos. Havia um ali que realmente tinha me escolhido, como disse a artesã. Era um colar preto feito em macramê com citrino (pedra conhecida por atrair a prosperidade), que logo me arrebatou. Tinha um estilo meio gótico/bruxa, e acho que foi por isso que gostei tanto. Havia também outro lindo, com ametista bruta e mais um cristal na ponta. Esse eu não cheguei a perguntar o preço, mas grande parte dos valores variava entre R\$ 50,00 e R\$ 200,00 dependendo da complexidade e do material usado. É um trabalho que algumas pessoas julgam ser caro, mas Priscila não vê dessa forma.

— Eu faço artesanato há 15 anos e eu vivi muito na rua. No começo, na maioria das vezes, eu montava uma asa (*o pano*) com os brincos e o que eu vendia era *pra* comprar comida, sabe, fazíamos uns escambos (trocas), era uma coisa mais por amor. Quando eu comecei, não pensava em dinheiro, pensava em viajar, conhecer o Brasil, viver a arte, mas sempre coloquei um preço que considerei justo. Hoje a galera que vende,

principalmente pela internet, pensa mais no dinheiro, entra mais pela grana do que pela cultura, tá queimando a arte, quer vender barato para justamente poder vender. Eu levo cinco dias para fazer uma cartucheira, é muito trabalhoso. E quando eu coloco o preço, algumas pessoas se assustam, mas quem quer, quem realmente gostou da arte, compra. A arte tem que ser acessível, mas fui eu que fiz, deu trabalho. É por isso que tenho vários modelos, com vários preços, do simples ao mediano e ao mais trabalhado.

A página do facebook, LUNA ART, foi criada assim que a filha caçula nasceu, mas Priscila só começou a administrá-la no último ano. Lá ela posta fotos de alguns modelos e recebe encomendas. Não costuma colocar foto de tudo o que faz por medo de copiarem seu trabalho. Embora cada artesão tenha um jeito único de confeccionar as peças, algumas pessoas preferem copiar o que já está pronto.

— Já fui expor muitas vezes e não vendi nada, mas nunca vou desvalorizar uma arte minha. Já aconteceu de chegar gente e falar: “nossa, mas eu comprei um parecido com uma amiga de vocês por um valor mais barato”, e eu falo: “beleza, continua comprando dela”.

O valor que Priscila e Thiago costumam ganhar juntos com a venda de artesanatos se equipara a alguns salários mínimos, dependendo do dia e do local escolhido. Com uma família, o gasto do casal é basicamente centrado no sustento da casa e dos filhos. Seguindo a tendência da modernidade, eles agora possuem máquina de cartão que aceita até mesmo vale refeição.

— No Nordeste a gente não conseguia vender porque todo mundo só tinha cartão. A gente sempre foi do dinheiro na mão. Ai a malucada toda foi fazendo isso e a gente teve que se adaptar também.

Priscila costuma expor seu trabalho no metrô Conceição por ser mais perto de sua casa, mas seu marido expõe em diversos locais, desde a Avenida Paulista até calçadas de faculdade e festas, como as *raves*. Nessas festas eles costumam vender todas as peças rapidamente, até mesmo as mais caras. Nas Olimpíadas que ocorreram esse ano no Rio de Janeiro, Thiago aproveitou o fluxo intenso de turistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros, para vender bastante. Nas festas grandes, a venda é boa, mas eles ficam sempre atentos aos roubos, que são frequentes nesses lugares, pela grande quantidade e fluxo de pessoas.

— Já aconteceu muito, vão lá e pegam uma coisinha pequena, um brinco. Mas tudo a gente conhece, cada artesão conhece seu trampo, não vai sumir do pano à toa. Uma vez roubaram um cachimbo e meu marido já tinha percebido. Aí ele falou para o cara que tinha pegado: “cadê o cachimbo que você estava vendo?” Ele disse que estava mostrando para uma outra moça. Depois ele tirou de algum lugar e devolveu. Outra vez o amigo do meu marido tinha feito um brinco de coruja em macramê e uma menina roubou dos panos dele. Passaram uns dias, eles estavam andando de ônibus e essa menina estava dentro do ônibus com o brinco. E no meio de um monte de gente, ele falou: “esse brinco é meu, você roubou de mim”. Que vergonha a menina passou. Roubar de *hippie*. Mas tem de tudo. Na rua tem que ficar mais esperto que se imagina.

Vida pelo Brasil

Priscila e Thiago já moraram em diversos estados do país com as crianças. Excetuando-se os períodos em que ela ficou grávida, a família nunca permaneceu no mesmo local por mais de dois anos. Seus filhos já estão adaptados à cultura

nômade dos artesãos. Na questão escolar, sentem falta só dos amigos. Priscila tem o cuidado de matriculá-los nas escolas de todos os estados que costumam ir para morar.

— Eu tenho que pegar um papel para a transferência deles na secretaria, posso fazer isso a cada três meses. Eu faço questão de vê-los na escola. Acho legal estudar, não *pra* ter diploma, mas *pra* ter conhecimento. Agora eles também estão fazendo *kung fu* aqui perto.

A família está em São Paulo há oito meses, mas pretende se mudar para Natal (RN) no fim do ano. Priscila diz que só se fixaria em uma cidade se tivesse um terreno seu. A casa nem precisaria ser de alvenaria, eles poderiam construir uma com bambu e outros materiais; afinal a família não é apegada ao luxo.

O aluguel em São Paulo é muito caro e eles só estão na cidade para descansar um pouco da rotina de viagens e para pegar mais matéria-prima — muito material é comprado ou trocado aqui. Grande parte das pedras utilizadas nos colares — algumas raras — é adquirida no interior do estado com amigos de Thiago, tanto na base da compra quanto na da troca ou do “mangueio”. A casa onde moram é alugada pela mãe dele.

— Com meus dois filhos mais velhos a gente viajou mais e sem carro, íamos de cidade em cidade, todos juntos. Mas algumas pessoas não gostam, reclamam, falam mal dessa nossa vida. Já vieram pedir nossos filhos várias vezes. São crianças bonitas, todo mundo fica de olho, e também pelo motivo de achar que a gente não cuida direito deles só porque temos um estilo de vida diferente.

Por conta dessas viagens, a artesã optou por não fazer a carteirinha da Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades (SUTACO), órgão do governo do estado de São Paulo responsável pelo cadastro e confecção das carteirinhas

que são obrigatórias para se reconhecer o trabalho do artesão e permitir a exposição de seus produtos nas ruas da cidade. Priscila acredita que essa carteirinha deveria ser válida em todo o território nacional, e não somente no estado de São Paulo.

Fui então até a sede da SUTACO, na Rua Boa Vista, centro de São Paulo, para conhecer os procedimentos para a obtenção desse documento. Para tirar a carteirinha é necessário fazer um agendamento prévio todo dia 15 de cada mês. As vagas são disputadas e em algumas épocas do ano espera-se mais de um mês para agendamento. No dia marcado, o artesão deve levar os materiais e confeccionar sua arte na frente de uma comissão julgadora. Se ele for aprovado, a carteirinha sai na hora. Sem ela, o artesão é proibido de trabalhar e expor nas ruas. Mesmo assim, ele ainda corre o risco de ter seu material apreendido pela GCM ou fiscalização.

Trabalhar nas ruas não é fácil e pode ser muito perigoso, ainda mais quando quem está expondo os artesanatos é uma mulher. Priscila já sentiu na pele o medo por estar, de certa forma, exposta aos diversos tipos de olhares masculinos.

— Já me ofereceram dinheiro, acontece muito. Uma vez tentaram me estuprar quando eu fui pedir comida em um prédio, lá no Espírito Santo. Tive que pular o muro do prédio com o prato de comida na mão. Meus tramos eu acabei deixando lá e tive que pedir para um amigo buscar. Na rua eu sou bem séria, não fico conversando, já falo o preço e pronto, porque quem quer comprar, já compra logo, e se o cara fica de muita conversa, eu já corto.

O casal pretende juntar dinheiro para trocar de carro e viajar. Eles têm uma Parati antiga que fica estacionada em frente à casa. Um filtro dos sonhos enfeita o interior do car-

ro, que aparenta ser antigo e estar quebrado. Depois do Rio Grande do Norte, ainda não sabem o próximo destino.

— A gente vai parando e vai conhecendo os lugares, essa é a graça. Algumas cidades têm lindas cachoeiras, outras uns bons restaurantes, lagos, e assim vamos conhecendo o Brasil.

Ela me confessou que perdeu as contas de quantas pessoas, em sua maioria jovens, sentaram ao seu lado quando estava trabalhando nas ruas e disseram que queriam ser como ela.

— Eu ficava até meio constrangida.

Perguntei se ela já tinha enjoado do que fazia, ou de viajar tanto, mesmo já prevendo a resposta.

— Quando eu ficar mais velha é que vai me dar vontade mesmo, porque meus filhos já estarão maiores. Vai ser mais fácil ainda, até parece que eu vou ficar em casa curtindo doença, vou dar meu rolê. Só vou parar se eu tiver muito velhinha.

O relógio marcava 18h e a nossa conversa estava se encerrando. Priscila precisava buscar seus dois filhos mais velhos na escola. Chovia muito. Ela pegou seu guarda-chuva e outros dois menores, um para cada criança, além das capas de chuva — o típico cuidado de mãe.

Naquela tarde constatei o que eu já sabia: tanto Priscila, quanto os demais artesãos que trabalham pelas diversas ruas desse enorme Brasil, são tão normais e possuem tarefas consideradas igualmente normais quanto qualquer outra pessoa que trabalha de carteira assinada dentro de um escritório durante o horário comercial: “A diferença é que eu me mudo muito”, diz.

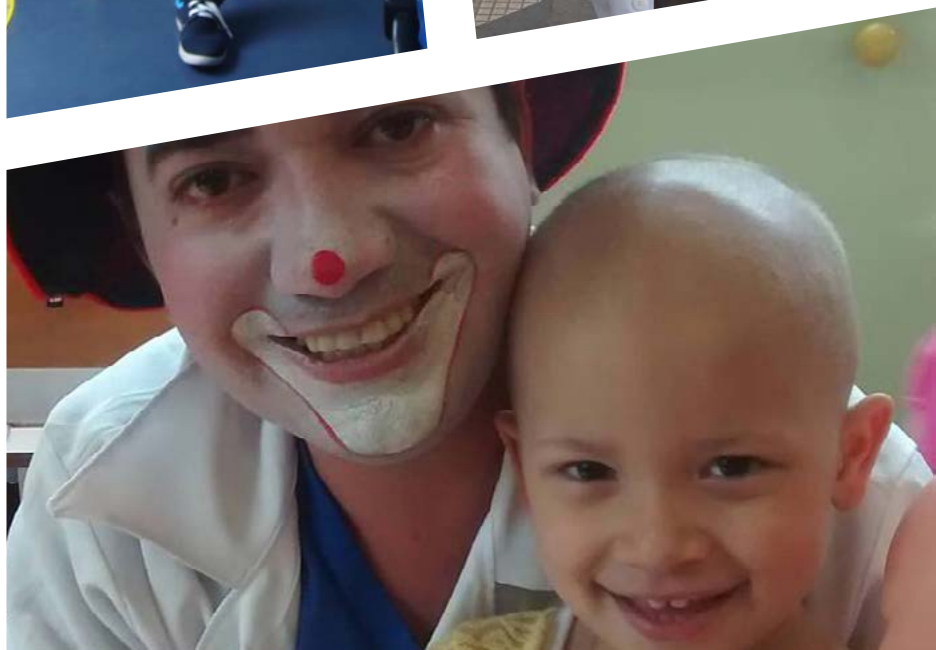
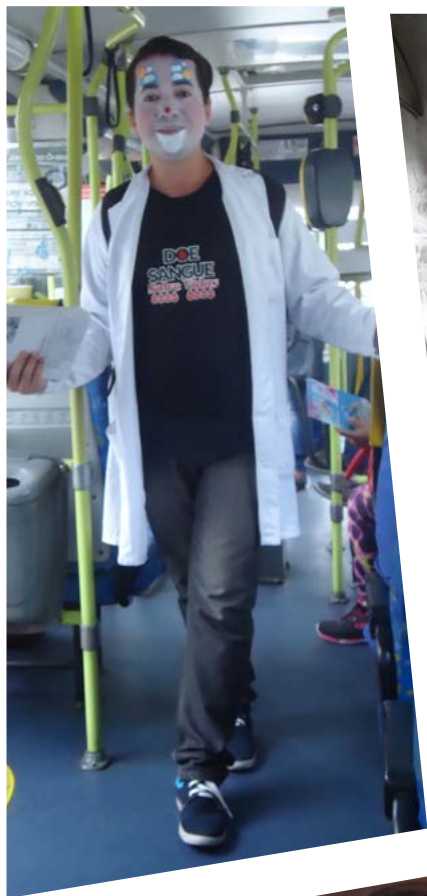
Aquele colar preto feito em macramê com citrino do qual eu tinha gostado, ou melhor, amado, veio para casa comigo, também como uma forma de recordação daquele dia. É bom ter algo para me lembrar da jovem artesã depois que ela se jogar com a família pelas estradas da vida outra vez.

GRAACC

**COMBATENDO E VENCENDO
O CÂNCER INFANTIL**



DOE
SANGUE
Salve Vidas



JOÃO FRANCO, O UTÓPICO PALHAÇO DOS ÔNIBUS

Ele trabalha pelas ruas da Avenida Brigadeiro Faria Lima todos os dias. De ônibus em ônibus e pelas calçadas, João Franco, de 28 anos, vende cartões da ONG *Mensageiros da Alegria*, ou *Grupo Teatral Mensageiros da Alegria*, fundado em 1995 com o objetivo de criar cenas e ações lúdicas em territórios inusitados como hospitais e instituições de apoio a crianças e idosos.

Com seu típico jaleco branco, camiseta da campanha de doação de sangue, criada por ele, e maquiagem de palhaço, que ele mesmo pinta, João Franco enfrenta ônibus e avenidas para vender seus cartões e divulgar as causas nas quais é envolvido, e são várias, há 11 meses.

Mas antes de chegarmos às ruas, devo dizer que acompanhei a preparação de João na sede da ONG.

A sede fica na Rua Conselheiro Crispiniano, próximo ao metrô Anhangabaú. O prédio, que possui diversos escritórios comerciais, é antigo e para acessar qualquer um dos andares

é preciso fazer um cadastro na portaria. Subo até o terceiro andar. Lá, dentro do escritório da ONG, encontro João, que havia chegado há pouco mais de dez minutos, sentado em uma cadeira próximo a outros funcionários da associação, todas aguardando para se maquiar e sair às ruas. Eram 09h e o dia começava para eles.

Na sala ao lado, com a porta fechada, podia-se ouvir vozes falando alto. Era uma aula de teatro. Com um pancake na mão, João vai até o banheiro preparar a primeira etapa da maquiagem. Em frente ao espelho, começa: coloca um pouco do pancake na mão e o espalha em seu rosto, que fica instantaneamente branco. Volta para o escritório e pega mais alguns potinhos de tinta que estavam dentro de uma *nécessaire* em cima da única mesa do cômodo, onde havia também um notebook e uma impressora, além de vários papéis. O coordenador da ONG, Paulo Ricardo, estava sentado ao lado da mesa.

João volta ao banheiro com mais alguns potes e pincéis na mão. As tintas são próprias para desenhos faciais. Ele se concentra no desenho: um céu, onde o sol e as nuvens estão localizados acima de suas sobrancelhas. O sol é feito com a própria tampa de um dos potes, quando ele a pincela e pressiona contra seu rosto.

— Eu invento todas as minhas maquiagens. Por enquanto a que eu mais estou fazendo é essa representação do céu, porque todo mundo está elogiando.

A maquiagem só costuma incomodar nos dias quentes, quando dá um pouco de coceira.

— Agora eu acabei acostumando, mas no começo coçava muito. Eu esquecia e passava a mão no rosto, e por causa disso acabava borrando toda a maquiagem.

O desenho leva aproximadamente meia hora para ficar pronto, e com a maquiagem finalizada, João veste um jaleco branco de mangas longas e vai para outra sala, onde pega os cartões para venda. São cerca de cem, com oito modelos diferentes. Todos são contabilizados antes de sairmos.

Na saída do prédio, o relógio marcava 10h, horário em que ele começa o trabalho, quatro vezes por semana. Fomos caminhando até a Avenida Ipiranga para pegar o ônibus que leva à Avenida Brigadeiro Faria Lima, onde começa o trabalho.

João, que também é ator, nasceu e morava até um tempo atrás em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Desde os seis anos de idade fazia aulas de teatro e já visitava hospitais de crianças com câncer.

— Eu tenho amigos dessa época que até hoje falam comigo. Pessoas de mais de trinta anos que ainda me chamam de “anjo”.

Descobriu a ONG por acaso numa viagem a São Paulo para a campanha de doação de sangue, quando encontrou uma palhaça pelas ruas. Foi então que uniu o útil ao agradável e decidiu também trabalhar na ONG.

— Lá no Mato Grosso do Sul eu já fazia trabalhos voluntários, sempre fiz, mas não ganhava nada, e eu preciso me alimentar, pagar aluguel. Quando conheci os Mensageiros, vi que poderia trabalhar fazendo o que gosto e recebendo uma ajuda de custo também. Não pensei duas vezes e me mudei de vez para São Paulo.

O trabalho consiste em vender cartões, com vários temas e mensagens, por um valor simbólico de três reais que é convertido em verba para a compra de tintas, fantasias, balões, bexigas, entre outros materiais, e para as visitas voluntárias

nos hospitais — os Mensageiros por vezes são confundidos com os Doutores da Alegria.

Do montante arrecadado no dia com a venda de cartões, uma pequena parte vai para João como ajuda de custo, que recebe toda sexta feira - o trabalho não é registrado em carteira assinada. Os cartões são todos identificados na parte de trás com o nome da ONG, telefones, endereço da sede e página do Facebook. Os palhaços também são identificados com um crachá contendo o nome e o logo dos Mensageiros, tudo para evitar que falsos palhaços se aproveitem da situação para tirar vantagem.

— Algumas pessoas se vestem de palhaços e dizem ser da ONG para pedir dinheiro nos faróis ou vender qualquer coisa. Nós sempre deixamos bem claro que os Mensageiros só vendem cartões e pelo preço de três reais cada. Qualquer pessoa que diga que trabalha com a gente e venda outra coisa, está mentindo. Já aconteceu também de palhaços dos Mensageiros venderem cartões por cinco reais. Eles davam os três reais para a ONG e pegavam dois. E nós sempre avisamos que o valor é de somente três reais, nem mais e nem menos que isso. Quem for pego vendendo cartões acima desse valor pode ser até preso.

João trabalha de terça a sexta em ruas e avenidas como a Brigadeiro Faria Lima. Às segundas-feiras ele faz visitas voluntárias a crianças com câncer no Grupo de Apoio ao Adolescente e a Criança com Câncer (GRAACC), na Vila Clementino. A passagem e a alimentação são custeadas pela ONG.

— Lá em Campo Grande eu fazia tudo voluntário, visitas todos os dias. Aqui, eu faço só na segunda-feira. As pessoas geralmente costumam odiar esse dia. Eu amo, justamente por causa das visitas que eu faço. Se pudesse, faria todo dia.

Primeira parada: Avenida Ipiranga

Chegamos ao ponto de ônibus da Avenida Ipiranga onde João começa seu trabalho. Ali, ele costuma pedir carona para os motoristas, e já dentro dos ônibus inicia a divulgação da ONG e a venda de cartões. Nem todos os motoristas vêm com bons olhos o ator, e ele recebe muitos não antes de pegar o primeiro coletivo.

— Alguns dias são mais fáceis, outros mais difíceis. Já teve motorista que me xingou, fingiu não me escutar, mostrou o dedo do meio, etc. Olhar de cara feia pra mim quando eu peço é o de menos. Se o motorista não permitir, eu não posso entrar no ônibus para vender os cartões mesmo se eu pagar a passagem.

Após uns 15 minutos pedindo caronas nos ônibus, finalmente nos deixam entrar pela porta de trás. Assim que o motorista abre as portas, temos que ser rápidos; a porta estava se fechando antes que eu entrasse por inteiro. Algumas pessoas entraram pela frente no mesmo ponto, mas o ônibus continuava um pouco vazio. João espera as pessoas entrarem e se acomodarem, então começa apresentando a ONG para vender os cartões.

— Bom dia a todos, meu nome é João e eu faço parte dos Mensageiros da Alegria. A missão da ONG é levar alegria, amor e esperança a todas as pessoas que precisam. Todos os dias, centenas de voluntários se maquiam de palhaços para levar alegria, amor e esperança a todas as pessoas que precisam em hospitais, orfanatos, comunidades carentes e asilos, pois todas as idades merecem felicidade. Porém, nosso foco principal são as crianças com câncer da rede pública. Por isso é importante levarmos alegria, amor e esperança a elas, pois uma criança feliz tem mais chance de cura do que qualquer outra. Agora eu vou entregar nas mãos de vocês lindos cartões e peço a todos que peguem, por educação e gentileza. Afinal, olhar não custa nada, né pessoal?!

João começa a distribuir os cartões. Entrega cinco para cada passageiro. Alguns se recusam a aceitar, outros pegam por curiosidade, outros ficam com o cartão na mão, mas sequer olham, e ainda outros fingem dormir enquanto ele passa no meio do corredor.

— Bom gente, infelizmente, não temos apoio nem do governo e nem da prefeitura, e o que mantém nosso trabalho há vinte anos em São Paulo é a colaboração de todos vocês. Cada cartão tem o valor simbólico de apenas três reais. Mas se você tiver aquela moedinha, aquele real na carteira ou na mochila como doação, qualquer valor será bem vindo. Agradeço a todos que puderam ajudar, seja comprando um cartão, seja com doação. Obrigado a todos e tudo de bom a todos nós.

O ator encerra seu discurso e aproveita para divulgar a campanha de doação de sangue *Doe Sangue, Salve Vidas*, criada por ele há uns anos no Mato Grosso do Sul. Essa campanha começou por acaso, quando ele resolveu doar em um hospital e acabou chamando vários amigos. Foi então que surgiu a ideia de mobilizar mais pessoas. Muitos famosos, como os sertanejos Zezé di Camargo, Fernando e Sorocaba e Lucas Lucco fizeram fotos e vídeos com João apoiando a campanha, e o ator divide seu tempo entre ser voluntário no GRAACC, trabalhar nos Mensageiros da Alegria e divulgar sua campanha de doação de sangue, que faz nos finais de semana e por meio de diversas redes sociais.

Juntamente com os cartões, João sempre leva alguns panfletos da campanha, que contém fotos com famosos, bem como os requisitos básicos para ser doador. A camiseta de divulgação é obrigatória pelas ruas. Por conta dessa campanha, já deu palestras em algumas cidades do Brasil e em países como Chile, Paraguai e Bolívia. Só não incluiu mais locais

pela falta de dinheiro. Por enquanto, somente uma empresa, a *Fantástica Torta da Maria*, patrocina.

No primeiro ônibus João vendeu poucos cartões. Descemos alguns pontos adiante para pegar outro. No segundo ponto, mais alguns motoristas se recusam a abrir a porta de trás. Enquanto isso, ele observa dentro dos ônibus para avaliar se havia passageiros suficientes. Alguns coletivos têm os vidros escuros. Passados alguns minutos, conseguimos entrar no segundo ônibus. Estava um pouco mais cheio que o primeiro, e João esperava vender mais cartões. Mas não foi dessa vez. O dia começou “fraco”; poucos cartões vendidos, algum dinheiro de doações espontâneas.

— Muitas vezes eu recebo doação das pessoas, por valores acima de três reais sem que elas queiram o cartão. Às vezes ganho cinco reais e ofereço dois cartões e a pessoa não quer. Acontece muito. Semana passada um senhor me doou cem reais e não quis nenhum cartão. Nem eu acreditei. Eu conheço um cobrador também que toda vez que me encontra, doa uma quantia.

Chegamos à Avenida Faria Lima. Ali andamos um pouco até chegar a um ponto de ônibus que já é conhecido por João: é o marco inicial da trajetória de idas e vindas na Avenida dentro dos coletivos. Dependendo do dia, ele faz a divulgação da ONG e a venda de cartões dentro dos ônibus e às vezes a pé, como tentou com algumas pessoas enquanto estávamos no ponto.

— A abordagem na rua é diferente do ônibus. A pessoa às vezes *tá* com pressa e não quer falar com você ou te ouvir, então eu já apresento a ONG e os cartões, o discurso é breve e curto. É mais difícil porque na maioria das vezes elas nem escutam e já falam que não estão interessadas. E depende muito do horário também. Eu sempre escolho o horário do almoço

ou a parte da tarde para vender nas ruas, que é quando tem mais gente a pé.

João já fez algumas intervenções em locais mais afastados usando balões e em companhia de outros palhaços, também promovendo a ONG e a venda de cartões, como o bairro Artur Alvim, na Zona Leste da cidade. O ator prefere fazer intervenções dentro dos ônibus às abordagens na rua ou nos faróis, pois permite maior divulgação e, conseqüentemente, maiores vendas. Naquele dia encontramos mais três palhaços amigos de João fazendo exatamente a mesma coisa. Vez ou outra nos esbarrávamos no mesmo ponto.

Pegamos o primeiro coletivo na Avenida Faria Lima. Ali, a venda de cartões aumentou consideravelmente. A meta de vendas por dia é de 40, mas às vezes ele cobre o dinheiro que seria arrecadado com a venda dos cartões através de doações espontâneas. O discurso é sempre o mesmo e o tempo é cronometrado. João, inclusive, costuma gravar sua fala e mandar para os iniciantes na ONG. É ele também quem dá treinamentos, que duram aproximadamente dois dias.

— Nos treinamentos eles entram comigo e sou eu que falo tudo. Eles só apresentam os cartões e dão o preço. A ONG também disponibiliza um texto padrão para os novos integrantes decorarem. Alguns vêem que o trabalho é meio puxado e acabam desistindo com uma semana, mais ou menos.

Descemos do primeiro ônibus, atravessamos a Avenida Faria Lima e fomos para o outro lado, pegar outro ônibus que nos deixaria no nosso ponto inicial. Foi assim durante boa parte da tarde. Andamos de um lado para o outro da Avenida, em ônibus vazios, cheios, abafados, com ar condicionado e pessoas variadas, que olhavam com curiosidade, desprezo e admiração. Algumas perguntavam para João detalhes sobre

a ONG ou até mesmo sobre seu trabalho com a campanha de doação de sangue, que ele fazia questão de discursar sempre que terminava as falas sobre os Mensageiros da Alegria. Em um dos coletivos, colocou um *flyer* da campanha dentro de uma caixinha de plástico dedicada a folhetos de propaganda da SPTrans.

A fome começava a bater, já passava do meio-dia. João, que não tinha comido nada, dizia estar sem apetite mas tremia um pouco, acredito que era devido à falta de alimentação. Todos os dias, já na avenida, ele compra uma água de coco em um mercado, que toma em segundos, e só deixa para almoçar quando termina seu “expediente” — geralmente quando tem compromissos à tarde com a campanha de doação de sangue ou quando atinge a meta de 40 cartões vendidos.

Voltamos ao nosso ponto inicial, onde começamos nossa jornada, e João aproveitava para abordar outras pessoas na rua enquanto as primeiras nuvens cinzentas começavam a aparecer no céu. Se começasse a chover, o trabalho seria interrompido. Após mais algumas negativas de motoristas, entramos no terceiro ônibus. Eu ficava sempre atenta porque se o motorista deixasse, eu tinha que subir junto com João ou primeiro para não ficar para trás.

No terceiro ônibus as pessoas foram mais receptivas; compraram mais cartões e doaram mais também. Eu ficava de pé na porta de trás ou sentada nos últimos bancos observando. Vi que um pouco atrás da catraca estava sentado um rapaz que chamou o ator para perguntar coisas “relacionadas à ONG”. Pediu o telefone de João e disse que depois ligaria para conversar com ele, dando um sorriso no final. Quando descemos, questionei sobre o rapaz:

— Ele veio perguntar da ONG, mas parecia que a intenção dele era outra (*risos*). Acontece muito de eu estar no ônibus e levar alguma cantada, de homens e mulheres. No começo eu ficava mais surpreso, agora eu levo mais na boa e sempre dou um jeito de me desvencilhar educadamente. Eu só fico muito sem jeito e só acho ruim quando são cantadas pesadas. Já me fizeram algumas propostas bem indecentes, e às vezes na frente de outros passageiros.

Os ônibus seguintes estavam bem cheios e abafados, e o ator só conseguiu distribuir cartões para os passageiros que estavam próximos à porta de trás, pois não havia como passar no corredor. Nesse, muitos fingiram não escutá-lo. Pergunto se ele não se intimida ao ser ignorado.

— Às vezes todo mundo presta atenção e às vezes ninguém. Já tive impressão de falar sozinho. Tem ônibus que a gente entra e todo mundo coloca o fone e finge que está dormindo. Uma vez aconteceu isso, eu entrei e todo mundo virou a cara, e quando eu fui entregar os cartões, ninguém pegou. Aí eu comecei a falar: “nossa, pessoal, vocês estão parecendo as crianças com câncer, que como estão doentes, ou ficam dormindo ou desanimadas. Mas quando a gente chega nos hospitais levando alegria e amor, tudo muda. Já pensou se fosse com a família de vocês? Se um palhaço entrasse lá e virasse a cara para um filho de vocês, ou até mesmo para vocês?”. Depois disso, todo mundo do ônibus comprou, porque acho que aquilo tocou. Sabe, não precisa comprar e nem doar, mas só de prestar atenção no meu trabalho e no trabalho da ONG, a divulgação, para mim já está de bom tamanho. Ninguém gosta de ser ignorado.

Fiquei observando a atenção que João tinha ao distribuir os cartões quando entrávamos em ônibus lotados. Perguntei

se por acaso alguém já desceu sem devolver ou roubou algum sem ele ter visto, e ele me disse que isso costuma acontecer.

— Uma vez estava distribuindo e um senhor pegou os cinco e colocou dentro de uma pasta com alguns documentos. Só que a pasta era transparente e dava para ver. Eu achava que ele ia comprar todos, mas quando fui até lá ele me disse que já tinha me devolvido. Aí eu o indaguei e apontei para a pasta com os cartões. Ele teve a cara de pau de dizer que eram de semana passada. Para não criar confusão, eu acabei deixando. Todo mundo ficou olhando para ele, que pareceu nem ligar. Aí quando têm esses prejuízos, o dinheiro das doações acaba cobrindo.

No final do ano é a época em que João vende mais cartões. Os natalinos costumam sair bastante. Certa vez encontrou um rapaz em um ônibus que pegou seu telefone e disse que ligaria dias depois para que João fosse vender os cartões em sua empresa, o que realmente aconteceu, e o palhaço acabou vendendo mais de cem cartões nesse dia. Outro rapaz também comprou, de uma vez, 40 cartões para presentear colegas de trabalho. Ele ia dar caixas de chocolate, mas optou pelos cartões por uma questão financeira.

A chuva começou de repente e estávamos de volta ao ponto. Ela nos atrapalhou e acabamos parando por um tempo. Nossa sorte é que foi uma chuva fraca e passageira. Mesmo assim, tivemos que correr para não nos molharmos. Quando a chuva vem forte, o trabalho por vezes é interrompido e recomeça só no dia seguinte. Semanas atrás João acabou pegando um ônibus errado e, na volta, a pé, tomou muita chuva. Por conta disso, adoeceu e não foi visitar as crianças no GRAACC.

— Me disseram que elas até choraram porque eu não fui. Elas se apegam demais, e conseqüentemente, eu a elas. Todas

têm foto no celular comigo, os pais também. Tem um menino que sempre tira foto comigo e posta no facebook. No primeiro dia que a gente se viu, ele falou: “mãe, coloca ai: palhaço que eu amei muito”. Duas crianças lá me dizem que quando me vêem não sentem a dor da quimioterapia. Não tem dinheiro no mundo que pague isso. E chegando ao hospital, nosso trabalho é com a família também, porque é uma grande luta.

João costuma ganhar muitos presentes das crianças. Bichos de pelúcia, além de caixas e mais caixas de chocolate são dadas no final do ano, de várias crianças que pedem para que os pais comprem para o palhaço.

Paramos em um local tranquilo e um pouco escondido para João contar o dinheiro e o total de cartões que ainda restava. O relógio marcava 14h30, e precisávamos ir embora porque ele tinha uma gravação para fazer da campanha de doação de sangue. Eu já estava bem cansada de ficar correndo e andando de um lado para o outro. Fazia muito calor e a maquiagem de João estava derretida.

Só cerca de 30 cartões foram vendidos. Grande parte do dinheiro que havia ali era de doações. Muitas moedas saíam dos bolsos de seu jaleco. Fizemos mais duas viagens dentro dos ônibus e fomos almoçar. No caminho, pegamos outro ônibus, ainda de carona, até a Avenida Paulista. Grande parte do trajeto foi feito pela Avenida Rebouças, local onde João também costumava trabalhar. Nesse ônibus ele também aproveitou a oportunidade e tentou vender mais cartões, sem sucesso. Sentamos nos bancos e aguardamos chegar ao nosso destino. Enquanto isso, seu celular não parava de tocar, e ele me mostrou muitas mensagens ainda não visualizadas por falta de tempo:

— Muita gente me manda mensagem sobre os Mensageiros da Alegria ou sobre a campanha de doação de sangue. A maioria das pessoas eu não conheço, nem tenho na minha agenda. Quando eu chego em casa é que vou ver todas e responder com calma, além de divulgar os vídeos da campanha para os números e grupos do WhatsApp.

Chegamos à Avenida Paulista e fomos até o Shopping Cidade São Paulo, próximo à estação Brigadeiro do metrô. João costuma comer lá dentro, de graça. Isso acontece porque antes dele entregar o dinheiro arrecadado no dia para o coordenador da Associação, troca todas as moedas em determinados restaurantes, que as aceitam por falta de troco. Ele deixou as moedas no balcão e pegou nossas refeições gratuitas. Almoçamos, e João me disse que depois disso, ele nunca mais precisou gastar para comer. Ele pode, inclusive, ir a qualquer dia a essas redes, mesmo sem levar moedas para trocar.

Fomos embora, de volta à sede da Associação. Pedimos carona novamente. Lá, João entrega os cartões e o dinheiro arrecadado no dia, bem como começa a remover sua maquiagem. Alguns lenços de papel são gastos para tirar completamente o desenho do rosto. Depois disso ele vai para sua casa, a poucas ruas dali, descansa, toma seu tereré, uma bebida parecida com o chimarrão, que é muito consumida por quem nasceu e mora no estado de Mato Grosso do Sul, e se dedica à sua campanha de doação de sangue.

No dia seguinte, o trabalho com a ONG recomeça.





FOTO: LENIO MEDEIROS



RADIOATIVIDADE MUSICAL COM CHEIRO DE PICANHA?

Quem costuma andar pelos arredores do Centro de São Paulo possivelmente já se deparou com eles. Foi dessa forma que eu os conheci. Visual setentista, com roupas que lembram muito o festival de Woodstock, músicas que misturam rock, blues e folk, composições próprias e covers de grandes artistas sustentados por uma voz potente adaptável aos diversos estilos tocados nas ruas. Essa é a banda Picanha de Chernobill.

Composta pelo guitarrista e backing vocal Chico Rigo (31), o vocalista e baixista Matheus Mendes (26) e o mais novo integrante, o baterista Rafael Rosa (33), a banda costuma receber elogios por sua performance em boa parte de suas apresentações que ocorrem todos os domingos na Avenida Paulista e durante os dias da semana na região central, entre o Vale do Anhangabaú — apelidado carinhosamente pelos integrantes da banda de *Anhangablues*, título que inclusive ganhou uma música — passando pela Praça Antônio Prado, Praça do Patriarca, Largo

do Paissandu e Viaduto do Chá. Sem um ponto fixo para suas apresentações, a banda geralmente vai até os locais citados e, se estiverem livres de outros artistas de rua e comerciantes, montam cuidadosamente seus instrumentos sobre pequenos tapetes verdes e vermelhos, permanecendo boa parte da tarde — período do dia em que costumam tocar. Os dias nas ruas são agitados e recheados por pessoas que param para assistir, contribuir no chapéu, comprar um CD ou tirar fotos.

Boa parte das pessoas que os assistem em suas apresentações fica tão impressionada quanto eu, na primeira vez que os vi, com o estilo musical e visual da banda, que lembra muito a época hippie em uma mistura de anos setenta com o estereótipo de piratas que conhecemos de livros e filmes. Chico, o guitarrista e backing vocal, é o que mais se parece com um típico pirata, talvez por seu bigode e barba loiros com pequenas tranças que parecem se unir aos seus cabelos cacheados, volumosos e igualmente loiros, na altura do ombro. Os cabelos ficam meio presos através de um lenço que ele usa amarrado em sua cabeça. Em boa parte das apresentações usa óculos escuros, escondendo seus olhos azuis do público. Seus pés batem freneticamente no chão conforme a música segue solta, enquanto ele se mexe de um lado para o outro dominado pelo ritmo de sua guitarra.

Já Matheus, o vocalista e baixista, tem os cabelos castanho-claros, lisos e desgrenhados — também na altura do ombro — com pontas loiras queimadas pelo sol. Sem barba, seu bigode ganha mais destaque em seu rosto, lembrando muito o visual do ator Johnny Depp. Seus olhos castanhos ficam quase sempre cobertos por seus cabelos enquanto ele toca e canta e constantemente sobe na ponta dos pés para alcançar o microfone — em um gesto que parece ser proposital.

Rafael, o baterista, com seu cavanhaque e cabelos castanho-escuros, toca na maioria das apresentações com seus óculos *Ray-Ban*, em um ritmo quase engessado, mas firme e preciso. Os óculos servem também para desviar seu olhar envergonhado e sua timidez confessa do público que assiste as apresentações. Tocando há cerca de 18 anos, ainda não se acostumou à exposição que todo músico está sujeito. Enquanto manuseia as baquetas, suas tatuagens nos dois antebraços ficam perceptíveis. No direito, há um desenho de uma *pin up* e no esquerdo, o nome do cantor Johnny Cash, juntamente com símbolos da banda Led Zeppelin. É o único dos três com tatuagens visíveis.

A princípio fui atraída pelo visual da apresentação do trio (que já foi quarteto) e pelo estilo musical: a música é feita não só com guitarras, mas também com a mistura de viola caipira e bandolim, mostrando que é possível fazer rock and roll de diversas formas. Lembro que saía do trabalho para almoçar e lá estavam eles, rodeados por um público considerável. Algumas vezes as apresentações eram elétricas; em outras, acústicas. Durante o período em que a banda ficou sem baterista, somente Chico e Matheus se apresentavam, cada um com seu respectivo violão, tocando quase que como uma dupla caipira. Rafael conheceu os guiris em Janeiro desse ano, através de um amigo em comum com quem tocava esporadicamente, e desde então passou a integrar a banda.

Outra coisa que chama muito a atenção, mas somente de quem costuma conversar com eles, é o forte sotaque de Chico e Matheus. Nascidos no Rio Grande do Sul, em Nova Prata e Porto Alegre, respectivamente, algumas expressões como 'bah', 'guria', 'tu', 'afudê', 'tri bom' e 'tri legal' transformam esse

vocabulário em palavras cômicas para meus ouvidos paulistanos. Somente Rafael é paulista de Mogi das Cruzes.

Até ano passado a banda contava com Pedro Marini e seu contrabaixo acústico, que ajudavam a chamar ainda mais a atenção dos caminhantes. O instrumento dava um toque rústico e original à banda, tornando a identificação pelas ruas do Centro ainda mais fácil. Era só ver aquele contrabaixo enorme e pronto, lá estavam eles. No começo desse ano (2016) Pedro deixou a banda e a partir de então Matheus acumulou duas funções: além de cantar, passou também a tocar contrabaixo, mas ao invés do acústico, optou pelo elétrico.

Foi através de Pedro Marini que Matheus conheceu sua namorada de longa data, a atriz e também gaúcha, Caroline Andrade (24), que é irmã de Pedro. Carol ajuda na grande maioria dos shows nas ruas passando o chapéu e vendendo CD's.

“A Carol é a nossa mãe”, diz Rafael em referência ao cuidado que a gaúcha tem com os três, principalmente na hora da alimentação nos dias de apresentação: “Se eu não lembrar, os guris ficam sem comer o dia inteiro”, declarou a atriz segurando algumas bananas na mão, prontas para ser distribuídas aos músicos. As bananas são parte da refeição do dia aos domingos, juntamente com garrafas de água, bolachas de água e sal e copos de café que são comprados com o dinheiro do chapéu.

Trajectoria até São Paulo

A Picanha foi formada no Rio Grande do Sul em 2008 por jovens que sonhavam em viver de música. Lançaram seu primeiro CD, homônimo, em 2009. A capa se tornou um dos símbolos da banda – a figura de um índio que foi professor em uma aldeia indígena em Nonoai, Rio Grande do Sul, onde o pai de Chico o conheceu nos anos 80, através de um proje-

to para a faculdade. Quando lançaram o primeiro trabalho, Matheus ainda não integrava o grupo, passando a assumir os vocais somente em 2010, após a banda ter participado do concurso “A melhor banda daqui” — organizado pela cerveja Polar — do qual saiu vencedora com a música *Oh Be My Baby, My Baby Blue*. Como prêmio, ganharam a gravação de seu segundo álbum de estúdio, intitulado *O Velho e o Bar*, em referência ao livro *O Velho e o Mar* do escritor americano Ernest Hemingway. No mesmo ano, a dupla sertaneja Christian e Ralf regrava a música *Vá* (presente no CD lançado em 2009), dando maior visibilidade à banda gaúcha. Nesse período, fizeram shows com casas lotadas em sua cidade natal, propiciando bons momentos, vídeos e documentários e alguns fãs.

Em 2011 surgiu a oportunidade de vir para São Paulo participar do congresso *Fora do Eixo*. Na ocasião, os integrantes se hospedaram em um dos *campus* da Universidade de São Paulo (USP). Lá, conheceram o paraense Samir Raoni, um talentoso artista, escritor e produtor cinematográfico de cabelos arrepiados e visual psicodélico que se tornaria um grande amigo, colaborador e incentivador da banda desde então. Ele foi um dos responsáveis por ajudar financeiramente na compra do gerador de energia para ligar os instrumentos na rua anos depois, atitude essa que nunca foi esquecida.

Após participarem do congresso, voltaram para o Rio Grande do Sul, retornando para São Paulo no ano seguinte, em Abril de 2012, em turnê por cidades do interior, e após ver que aqui teriam mais oportunidades, mudaram-se definitivamente no final do mesmo ano. Em 2014 criaram o projeto “Picanha na Rua”, que tinha por objetivo a divulgação da banda através de apresentações nas ruas do Centro de São Paulo. Desde então,

foram mais de 300 shows. Durante esse período, todos moraram juntos no Edifício Planalto, mudando-se, ainda em 2014, para um prédio antigo no Vale do Anhangabaú que é conhecido por abrigar uma galeria de arte e residência artística no quarto e último andar, chamada *Estúdio Lâmina*. A partir de então, a banda passou a se apresentar regularmente nas ruas, e mesmo com a troca de alguns integrantes durante esse tempo, restando somente Chico e Matheus desde as primeiras formações, os dois nunca pensaram em desistir ou seguir outra carreira.

Atualmente a banda recebe alguns convites para tocar esporadicamente em casas fechadas e bares, mas o foco principal ainda é a rua pela possibilidade de divulgação e interação com o público. É Matheus quem cuida da agenda de shows, que inclui também apresentações em festivais como a *Virada Cultural* e *SP Na Rua* e em outros estados. Por sorte, o projeto “Picanha na Rua” coincidiu com a lei 15.776/2013 e o Decreto 55.140/2014, ambos do prefeito Fernando Haddad, que regularizam as apresentações dos artistas de rua na cidade de São Paulo, autorizando também, além da arrecadação voluntária de contribuições em dinheiro com o chapéu, a venda de materiais de autoria própria. Em Porto Alegre não existem leis similares e por conta disso eles se apresentavam somente em casas fechadas.

A banda também participa do site *Aonde o Mura Mora*, dedicado ao mapeamento somente de músicos e bandas de rua que se apresentam na cidade, tornando-se referência no registro dos músicos de rua com obras autorais no estado de São Paulo. Inicialmente o site era um blog de registro pessoal concebido pelo técnico de som Maurício Zani.

Os três integrantes começaram a tocar muito cedo, mostrando que a música foi algo que sempre os acompanhou,

desde a infância até os dias atuais. Chico, o único membro original desde a formação da banda e um dos fundadores, junto com o antigo baixista Gordo Schmitt, começou a tocar violão aos sete anos de idade, quando teve que escolher entre ter aulas de futebol ou de música. Começou a ouvir rock ainda na escola. Mudou-se para Porto Alegre aos oito anos de idade, dando uma pausa em seus estudos musicais durante esse tempo. Aos 11 anos voltou a tocar e não parou mais, até que passou a dar aulas, ministrando o ofício de professor por cerca de 10 anos. Graduou-se em História, mas foi na música que encontrou sua verdadeira vocação:

— A música vem em primeiro lugar, é muito difícil eu passar mais de um dia sem tocar nada.

Filho único, seus pais sempre o apoiaram em relação à sua profissão e à banda. Típico pisciano que acredita em astrologia e coisas do destino, diz que ter encontrado Matheus não foi por acaso:

— Sabe quando você olha para uma pessoa e sente uma coisa boa, como se fosse de outra vida?

Os dois se conheceram durante um ensaio da Picanha, ainda na primeira formação da banda, quando Matheus estava trabalhando no local, e desde então possuem um vínculo de amizade muito forte e muito bonito. Não é somente a música que os une.

Matheus também ingressou na música ainda criança. Seu pai, Kiko Mendes, também era músico e o levava constantemente para acompanhar as viagens de uma de suas bandas. Aprendeu primeiro a tocar guitarra e depois bateria por influência do pai, já falecido. Costumava ficar durante o dia todo tocando na garagem de sua casa em Porto Alegre. Ser vocalista nunca foi algo que passou por sua cabeça, mas antes da Picanha já costumava cantar em bares e compunha algumas canções:

— Quando eu entrei para a banda o antigo vocalista tinha saído, e como ninguém se habilitava, eu fui na cara de pau e resolvi cantar.

Costumava ouvir discos antigos de seus pais, de bandas como Led Zeppelin e Beatles; dessa forma o gosto pelo *rock' n roll* surgiu naturalmente. Lembra-se de seus primeiros shows à frente da Picanha de Chernobill, onde procurava se acostumar com a rotina dos palcos:

— No meu primeiro show com a Picanha eu lembro que me senti perdido, desajustado. Me sentia igual o Ozzy Osbourne correndo de um lado para o outro do palco. Também cantava em todo show como se fosse o último, me desgastava bastante.

Usando um sobretudo marrom para se proteger do frio naquela noite de Abril quando nos reunimos para conversar sobre as origens da banda, Matheus se assemelhou muito com Ozzy enquanto gesticulava sobre seu desempenho nas primeiras apresentações. Com apenas algumas aulas de canto, conseguiu transformar sua voz em algo que chama a atenção das pessoas.

O terceiro componente, Rafael, também vem de um histórico familiar de músicos e, por isso, sua inserção foi natural. Suas tias tocavam piano e violão, bem como seu pai, e de tanto conviver no meio da música, aprendeu a tocar bateria sozinho:

— Eu aprendi a tocar violão também, mas a bateria foi o instrumento que me identifiquei.

O gosto pelo rock surgiu ainda cedo, quando ele costumava mexer nos discos dos pais; foi então que também descobriu bandas como Beatles e Led Zeppelin. Começou a fazer aulas de bateria somente aos 22 anos de idade, para aprimoramento profissional. Além da Picanha, Rafa mantém projetos com outras bandas.

Picanha na rua

Acompanhei a banda durante alguns meses em grande parte de suas apresentações na Avenida Paulista e região central, entre Abril e Junho de 2016.

“A arte de rua é democrática e livre, aqui tocamos para todas as pessoas, independente de gênero, opção sexual, credo, cor e classe social. As pessoas assistem e contribuem voluntariamente no chapéu porque gostaram do que viram”, diz Chico.

A parte ruim, principalmente nos dias de verão, onde a chuva é certa em determinado período do dia, é que se o aguaceiro começa de repente não há tempo para guardar todos os instrumentos, podendo ocasionar a perda de alguns e, consequentemente, prejuízo financeiro. Quando isso acontece, a preocupação dos integrantes em guardar tudo e levar para algum lugar coberto é perceptível, como aconteceu uma vez. Esse é um dos revezes de se tocar em um ambiente totalmente aberto. Os instrumentos também se deterioram com o tempo, devido à exposição ao sol, por exemplo. Também preciso mencionar o esgotamento físico causado pelo calor. Percebi que, assim como não é fácil tocar nos dias frios de inverno, pareceu-me mais difícil ainda para eles tocar nos dias quentes. Muitas vezes eles ficavam totalmente expostos àquele sol de Verão durante boa parte do dia. Apesar disso, os dias quentes são os que mais atraem o público para a Avenida Paulista e, consequentemente, os que mais enchem o chapéu.

Algumas pessoas param somente durante uma música ou duas, mais por curiosidade, e vão embora. Outras permanecem durante os intervalos para conversar com os músicos ou para aguardar o recomeço do show, e ainda outras se empolgam e dançam junto com amigos e membros da família. Olhares atentos e dispersos se misturam ao ritmo do blues e

se tornam acontecimentos rotineiros para todos que trabalham com a banda. Há ainda aqueles que estão quase sempre presentes em todos os domingos na Paulista. Sinal bom, uma fatia do público parece já estar conquistada.

Certo domingo um rapaz cumprimentou Matheus, elogiou a banda e perguntou o porquê do nome. Em uma sacada, Chico respondeu com alguns trocadilhos. O rapaz, então, disse que estava com uma ucraniana e que por isso ficou curioso devido à palavra *Chernobyl* — usina na Ucrânia que ficou famosa por conta de um acidente nuclear em 1986. Na verdade, Picanha de Chernobill é um nome próprio e forte que chama a atenção e desperta a curiosidade das pessoas, mas Chico tem uma explicação:

— Chernobill é o mundo, a forma como o ser humano está destruindo a terra, mas Picanha é porque tem muita gente legal, muita coisa legal que rola apesar de todo o desrespeito que causam à terra.

O cuidado com a apresentação sempre chama a atenção. A banda parece impecável durante a execução das músicas, em um claro sinal de perfeccionismo, sincronismo e ensaio. Quando sobra espaço nos carrinhos de mão, um manequim vermelho e customizado, chamado carinhosamente de Wagner Urânio, é levado para os shows e fica o tempo todo à frente dos integrantes, ao lado de uma capa pequena de viola caipira aberta que mostra o adesivo com o nome da banda. Dentro da capa são colocados alguns cartões com os contatos da Picanha e CD's. Além do chapéu, a capa também serve para arrecadar contribuições e quase sempre fica com algumas notas e moedas. Em todas as apresentações muitas pessoas param para ouvi-los e algumas compram o CD *O Velho e o Bar*, que conta com músicas próprias e um repertório que varia do rock ao folk.

A banda se promove de maneira independente e o vasto material acumulado nesses anos é profissionalmente organizado. Os vídeos e documentários são feitos pela *Airon Fidler Filmes*, produtora de Chico e Matheus e de amigos que estão sempre ajudando a banda. O nome da produtora vem da segunda faixa do CD *O Velho e o Bar*, que inclusive ganhou um clipe feito em *stop motion*. O vídeo está disponível no canal da banda no *Youtube*, que já conta com mais de 100 mil visualizações, sendo o vídeo mais acessado o da música “Velhos Sonhos”, presente no mesmo CD, com mais de 23 mil cliques. Eles também possuem releases, matérias de jornal, vídeos e até mesmo uma espécie de portfólio com 20 páginas onde é possível conhecer a história da banda e sua trajetória, bem como ver algumas reportagens publicadas. A coisa é tão profissional que as últimas páginas são dedicadas ao equipamento técnico necessário a ser disponibilizado pela casa contratante para que ocorra um show de qualidade. Espantou-me tamanha organização. Chico também tem pastas em seu Macbook com fotos e vídeos de todas as apresentações da banda, organizadas por dia, mês, ano e nome de quem tirou, e é ele quem costuma postar uma foto por apresentação da banda na página deles no facebook, sendo as restantes adicionadas ao Flickr oficial, como mais uma forma de divulgação.

Em dezembro de 2016 a Picanha lançou, através de um financiamento coletivo, o terceiro disco, intitulado “O conto, a selva e o fim”. A banda começou a campanha de financiamento coletivo em Abril. Dependendo do valor, as doações eram presenteadas com brindes, que variavam de download do CD até aulas de guitarra e baixo com os integrantes, passando por camisetas feitas à mão e DVD's

da *Airon Fidler Filmes*. A gravação do CD novo foi possível graças à venda do *O Velho e o Bar* nas ruas de São Paulo nos dias de apresentação. O dinheiro do financiamento coletivo se destinou, dessa forma, à masterização das músicas e prensagem do disco. A campanha durou cerca de dois meses, e a banda não só arrecadou o montante como ultrapassou o valor total estimado, chegando a absurdos 19 mil reais em doações do público.

Na contramão de algumas bandas, grupos e duplas da atualidade, *O conto, a Selva e o Fim* traz temas políticos e sociais, como machismo, racismo e desigualdade. No encarte do CD é possível ver uma dedicatória a ‘todos aqueles que estendem a mão’, em uma clara referência aos vários moradores de rua ao redor do Vale do Anhangabaú – alguns são amigos dos guris. O primeiro single do CD, *Anhangabablues*, fala justamente disso: “olhos fingem não me ver...”. Mesmo não sendo um álbum conceitual, as músicas possuem uma ligação e estão também conectadas à capa do CD, que é um casal fotografado na mesma reserva indígena em Nonoai (RS), em 1980.

Após o término das apresentações na Paulista, por volta das 18h, os integrantes arrumam todos os instrumentos em três carrinhos de mão, enquanto Carol recolhe o lixo, as garrafas de água e as bitucas de cigarro de Chico e Matheus, os dois fumantes da banda. Nenhuma sujeira fica para trás. Depois disso, voltam para o Anhangabaú, deixam os carrinhos no prédio onde moram, contam e dividem o dinheiro e vão jantar, geralmente em um bar localizado no Largo do Paissandu. Rafael é o único que não acompanha os demais. Ele vai junto somente até o Anhangabaú, empurrando

o carrinho com seu respectivo instrumento desmontado, a bateria, e de lá segue para sua casa.

Mais perto da banda

Nos dias em que tocam na Paulista, os preparativos são os mesmos: colocar os instrumentos nos três carrinhos, onde cada músico leva o seu com os respectivos instrumentos, comprar as passagens na bilheteria do metrô — as moedas do chapéu algumas vezes são trocadas na bilheteria — e seguir viagem. A quantidade de equipamento parece absurdamente pequena quando está guardada nesses carrinhos.

Rafael mora com sua esposa, a também musicista Tati Bassi, em Mogi das Cruzes, levando algumas horas para chegar ao Centro de São Paulo nos dias de apresentação da banda. Por esse motivo, costuma acordar cedo aos domingos. Chico e Mathews têm o privilégio de acordar um pouco mais tarde nesses dias, por volta das 10 horas e, por conta disso, quase sempre se atrasam e nunca chegam à Paulista ao meio dia, horário que costumam anunciar na página da banda no *Facebook*, que já conta com pouco mais de 10 mil curtidas, número que aumenta a cada apresentação da banda nas ruas.

Chico mora em um apartamento no terceiro andar do prédio que abriga o *Estúdio Lâmina*, no Vale do Anhangabaú. Sua sala é repleta de quadros com grandes nomes do rock, como Kurt Cobain, líder da banda Nirvana, e bandas como Rolling Stones e Beatles. Além dos quadros, há também um pôster da banda AC/DC. O pôster fica em cima do manequim vermelho, o Wagner Urânio, que, disposto no canto da sala, parece estar sorrindo e saudando os visitantes. Na parede dos quadros há também premiações da banda, como o já citado concurso “A melhor banda daqui”, e fotos das antigas

formações. As molduras são todas coloridas, cada uma de uma cor diferente, e a quantidade é tanta que poderia quase cobrir uma parede inteira. Os quadros estão perfeitamente colocados e alinhados de um jeito que só poderia ser feito por uma pessoa perfeccionista e atenta aos detalhes.

Do lado esquerdo da sala há uma bonita estante de vidro com CD's, muitos CD's e DVD's de bandas de rock; alguns são edições especiais. Na mesma estante há também algumas cópias do primeiro CD da banda, de 2009, que não costuma ser levado nas apresentações para vender; eles só o fazem se as pessoas pedem antes. À frente da estante de vidro, sob uma espécie de suporte, estava a viola caipira, adquirida com o dinheiro das vendas do primeiro álbum. Mais adiante há uma porta que leva diretamente ao seu quarto.

Colado na porta há um pôster de papelão, antigo, mas bem conservado, que me pareceu em tamanho real, de Slash, grande guitarrista americano das bandas Guns n' Roses e Velvet Revolver. Uma parede do quarto aparentemente reproduzia a sequência de quadros da sala. Em cima da porta estava pendurada uma grande bandeira do Movimento Sem Terra, o MST, cuidadosamente e orgulhosamente aberta, que ganhou de representantes do movimento em um show na Praça do Patriarca, onde a banda foi convidada e tocou na festa dos 70 anos do Sindicato dos Bancários.

Matheus, o terceiro integrante da banda, mora com Carol no quarto andar do mesmo prédio. Um filtro dos sonhos, artefato indígena, fica pendurado no teto do quarto, dando um toque hippie ao local. O quarto, que fica logo na entrada do apartamento, serve muitas vezes de sala para os visitantes. Perto da janela, uma mesa pequena serve para colocar algumas plantas e copos usados. Na única parede livre, que fica ao

lado da porta de entrada, há fotos do casal e um suporte onde Matheus deixa seu baixo pendurado. Há também fotos de algumas peças de teatro onde Carol atuou e quadros do John Lennon, integrante dos Beatles. Em frente ao apartamento do casal há outra porta que leva diretamente ao estúdio onde Chico e Matheus gravaram o terceiro CD, chamado *Gerência*.

Além das residências dos integrantes da banda, o passeio pelo prédio revelou outro local de interesse artístico, o *Estúdio Lâmina*, conhecido por abrigar exposições e por receber visitas de nomes como a cartunista Laerte Coutinho, que recentemente gravou uma entrevista no local. O Estúdio tem um bar, onde são vendidas bebidas, por um preço um pouco elevado, nos dias de festa, como a *La Garçonnière*, que ocorre uma vez por mês, e eventos diversos. O bar é todo decorado em clima circense, contrastando com o rústico da galeria. Em uma das paredes do Lâmina há um piano. Tapetes, também vermelhos, enfeitam o chão de taco e ficam embaixo de sofás e confortáveis poltronas de cores neutras. Do lado direito do Estúdio há também uma sacada, onde as pessoas se reúnem e costumam ficar conversando, fumando e apreciando a vista de grande parte do Vale do Anhangabaú que, nos dias de festa, já de madrugada, costuma permanecer vazio e silencioso.

O prédio que abriga o Lâmina e os apartamentos de Chico, Matheus e Carol possui alguns corredores com quadros, papéis de parede e manequins pintados por Talitha Bewlay, musicista e artista visual que também é amiga dos gurus. O andar onde fica a galeria é o mais enfeitado. Os andares de baixo são dedicados a alguns escritórios comerciais, e o prédio costuma ficar aberto ao público durante todos os dias, fechando suas portas por volta das 19h. Dois elevadores são

responsáveis pelo transporte dos moradores, trabalhadores e público. Um é automático, porém antigo; o outro, muito mais antigo, é manual, com uma espécie de controle que o faz subir ou descer. Esse último só é usado quando o automático é curiosamente desligado nos fins de semana.

Picanha tem política também

Vale do Anhangabaú, frente do prédio onde moram os integrantes da banda Picanha de Chernobill: é Abril de 2016, dia de votação pela abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Bandeiras, camisetas e balões vermelhos ocupavam toda a extensão do vale. Em meio a gritos de “Não vai ter golpe”, a manifestação pró-democracia defendia o direito de Dilma continuar na presidência, abominando o claro golpe que se daria a partir daquele dia.

Com bandeiras do MST e de Che Guevara, o rock seguiu solto. Infelizmente, dias depois, uma fotógrafa da Folha de São Paulo noticiaria a apresentação da banda em uma pequena matéria sobre o que estava acontecendo em São Paulo quando os deputados votavam a favor ou contra o impeachment.

A fotorreportagem, chamada “Enquanto sua excelência discursava e votava...” continha várias fotos de diferentes lugares de São Paulo, e em cada uma, a legenda era tendenciosa. Na foto da banda podia-se ler: “alguém tocava na região central tentando ganhar um trocados”.

Em resposta, os integrantes publicaram nota no perfil oficial do *Facebook*, juntamente com o link da Folha, esclarecendo, entre outras coisas que “não, nós não estávamos alheios à votação no Congresso ou tentando ‘ganhar uns trocados’ (passamos o chapéu como fazemos em todas as nossas apresentações ao ar livre e a generosidade das pessoas nos



Matheus Mendes e Chico Rigo na Avenida Paulista. Foto: Jonas Tucci

permite viver da música). Estávamos no Anhangabaú porque acreditamos na democracia. Acreditamos que todos brasileiros tem direito à opinião de qual caminho acha o melhor para o nosso país, todos podem se manifestar na democracia, ao contrário do que ocorre nas ditaduras onde sujeitos como Sérgio Fleury ou o Coronel Ustra (homenageado por Bolsonaro) torturam e matam acobertados pelo Estado. Estávamos no Anhangabaú porque lutamos por reforma política, reforma agrária, reforma nos meios de comunicação e seus jabás. Estávamos nos manifestando artística e politicamente porque não aceitamos que o voto de 54 milhões de brasileiros seja usurpado por um corrupto como Eduardo Cunha e seus comparsas num processo de impeachment totalmente viciado. A História os condenará; a nós, a certeza de que lutamos a

luta dos justos e seguiremos com a cabeça erguida trabalhando por um Brasil mais humano, igualitário e musical.”

Além de participar de eventos e manifestações desse tipo, a Picanha também é conhecida por ceder seus microfones em algumas ocasiões para o político, economista e professor Eduardo Suplicy, quando eles têm oportunidade de encontrá-lo pelas ruas do Centro de São Paulo ou até mesmo na Avenida Paulista. Suplicy já conhece os músicos e demonstra gostar de cantar com eles. A música escolhida é sempre *Blowin' in the Wind* de Bob Dylan, que é (e provavelmente será sempre) reproduzida após algumas falas do petista:

— É muito importante que nós realizemos ações, inclusive em nosso país, para diminuir a violência, a criminalidade, os assaltos, os roubos e os assassinatos, e para que isso ocorra é necessário que criemos instituições, instrumentos de política econômica e social que possam significar a realização de justiça, que possam significar de fato estarmos vivendo de maneira fraterna e solidária para que possa haver justiça e daí a paz. Os povos do mundo muitas vezes têm cantado nas ruas essa canção tão bela e eu gostaria de convidar todos a cantar conosco...

Quando o político se junta à banda, o público nas ruas aumenta consideravelmente, cantando em coro a música de Dylan.

A Picanha também participa de alguns programas de TV, gravados algumas vezes pelas ruas do Centro. O convite surge na maioria das vezes pela grande visibilidade que as ruas proporcionam. Eles já participaram de programas como “Programa Roberto Justus +”, “Programa

da Sabrina”, “Ouça – TV Gazeta”, “Programa do Ratinho” e o mais recente, uma reportagem sobre a banda para a “Revista da Câmara”, gravado na Praça Antônio Prado, Centro de São Paulo.

Nesse eu também estava presente.

No primeiro dia de gravação, a banda montou seus instrumentos na Praça, como de costume, e aguardava a equipe da TV Câmara chegar — estavam atrasados. Enquanto isso, eles tocavam. Repentinamente, o gerador que fornece energia para ligar os equipamentos, desligou devido à falta de gasolina. Enquanto todos aguardavam a chegada de mais gasolina, quando um amigo da banda foi buscar em um posto na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, os repórteres chegaram ao local, por volta das 15h, e conversaram com os músicos. Ao fundo, os fotógrafos e cinegrafistas começaram a posicionar os tripés para as filmagens. Aproveito para perguntar a Rafael como se deu o convite para a gravação do programa:

— Foi de repente, quando tocávamos aqui no Centro um dia desses. Os repórteres iam gravar com outro artista de rua que estava se apresentando perto da gente, quando nos viram tocando e fizeram o convite.

A gasolina demorou cerca de meia hora para chegar, tempo suficiente para a equipe de gravação já ter posicionado os tripés com as câmeras e os microfones. O combustível é então, prontamente colocado no gerador. O que ninguém esperava é que o amplificador, devido à queda repentina de energia, tivesse um de seus interruptores queimados. Notei que Chico e Matheus tentavam a todo custo consertar o amplificador ou buscar alguma solução, enquanto a equipe da TV Câmara aguardava algum posicionamento por parte da

banda. Mesmo sem dizer nada, a expressão dos músicos era de preocupação. Rafael tentava ajudar, parecia mais sereno que os dois — no mesmo dia, antes da apresentação, a viola caipira de Chico, que estava de pé, encostada no amplificador, caiu e quebrou o “braço”. Os músicos se desculparam pelo ocorrido e marcaram a gravação para outro dia.

A equipe da TV Câmara foi embora e, silenciosamente, os rapazes começaram a desmontar os equipamentos e a colocá-los nos carrinhos de mão.

Com os instrumentos desmontados e já colocados no carrinho, descemos até a casa deles. Matheus estava quieto e aparentemente triste, mas tão logo os equipamentos foram guardados, ele foi melhorando gradualmente seu humor. Sua maior preocupação era o conserto do amplificador. Ele e Rafael começaram a conversar:

— Como a gente vai fazer agora, estamos com mais coisa quebrada e mais um monte de coisa pra pagar. Sem o amplificador a gente não tem como tocar na rua e conseguir o dinheiro.

— A gente pode fazer alguns shows acústicos por enquanto, se o amplificador demorar pra ser arrumado ou se vocês não conseguirem outro emprestado.

Matheus pareceu não gostar muito da ideia. O único amplificador que eles tinham disponível no momento era um grande, de difícil transporte, que por seu tamanho não havia como ser levado para os locais dos shows. Chico pareceu mais calmo, tentando confortar Matheus:

— Bah, Matheus, essas coisas acontecem, não adianta ficar nervoso ou reclamando. A gente faz o que ama, que é tocar, e isso compensa essas dificuldades.

— Eu sei, mas a impressão que eu tenho às vezes é que tudo acontece de uma vez...

Passado esse episódio e com o amplificador já consertado, a banda e a reportagem da TV Câmara remarçaram a gravação, que ocorreu na mesma praça e no mesmo horário combinado anteriormente. Dessa vez, tudo ocorreu sem nenhuma intercorrência, durando boa parte da tarde.





FOTO: LUIFE BOLLINI



“QUE O DINHEIRO
NÃO SEJA UM
EMPECILHO PARA
COMPARTILHARMOS
ARTE”

Praça Roosevelt, centro de São Paulo, quarta-feira à noite. Pizzas anunciadas a dez reais dentro de malas térmicas por ambulantes, bebidas vendidas em sacos plásticos com gelo — os comerciantes diziam “aceito também cartões” — o que me fez pensar na modernidade do negócio inusitado — e várias pessoas tomando cerveja ou vinho, sentadas nas escadas ao redor da praça, conversando.

Em meio à música animada que saía de uma grande caixa de som colocada no chão, havia uma trupe circense, treinando com seus malabares e monociclos. Ali paramos, eu e algumas integrantes da *CIA Bambolística* — grupo voltado às práticas do bambolê — para mais uma aula semanal. O clima era quente e a animação da turma empolgava algumas pessoas que aguardavam o início da aula, prevista para às 19h. Dois carrinhos cheios de bambolês de todos os tamanhos, cores e psicodelias acompanhavam as meninas.

Após nossa chegada, os carrinhos foram colocados de lado e os bambolês espalhados no chão, ao livre acesso das pessoas. Enquanto aguardávamos a chegada de mais gente, eu observava o treino e aquecimento das bambolistas. Elas não ficavam paradas um minuto sequer. Mariana era a mais agitada. Pulava e dançava, fazendo movimentos com todo o corpo, fruto de mais de seis anos de dedicação, estudo e treino. Tentei imitá-la, mas só consegui fazer alguns movimentos com o bambolê na cintura.

A aula finalmente começa, com aproximadamente 20 alunas e transeuntes que pararam por curiosidade. Uma roda é feita, na qual as integrantes da CIA e as alunas desajeitadas se misturam, tentando aprender a manter o bambolê na cintura por meio do rebolado. Algumas são mais habilidosas; outras já praticam há mais tempo, são frequentadoras das aulas semanais e portam seus próprios bambolês, executando movimentos aprendidos nas semanas anteriores, sempre com a supervisão de uma das bambolistas.

Larissa Violeta, com seu vestido florido, legging e botas, colar de cristais e um penteado inusitado, apresenta o grupo:

— Nós somos da CIA Bambolística e viemos dançar com vocês hoje e ensinar algumas técnicas do bambolê. Se soltem e se entreguem à essa energia.

Todas se aproximam e ficam em pé com as mãos entrelaçadas, formando um círculo. Após o aquecimento, as meninas da CIA se dividem e começam a se revezar entre as alunas que estavam bamboleando sem parar. Até algumas crianças começam a brincar. O vento da noite sopra forte, e as meninas, usando roupas de verão, começam a fazer movimentos mais rápidos. Enquanto observo a aula, vejo as bambolistas se revezando com cada grupo de alunas.

Larissa Lima e Larissa Violeta ensinam movimentos básicos — como girar o bambolê pelo ombro — enquanto Mariana ficou com as alunas mais habilidosas — as que pareceram ir sempre às aulas — ensinando alguns truques mais complexos, como levantar o bambolê do chão sem as mãos. Cerca de duas horas depois, a aula chega ao final.

Outra roda é feita, semelhante à do aquecimento. No meio da roda está o chapéu em estilo *country*, todo rosa com lantejoulas, que aguarda o recebimento de contribuições. A quantia arrecadada é o pagamento da aula das bambolistas. A contribuição mínima é de R\$ 15,00; a boa é de R\$ 20,00 e a ideal de R\$ 25,00, mas as pessoas podem contribuir com qualquer quantia. A dança ao redor do chapéu é para atrair prosperidade, então elas tratam de dançar muito. Larissa Violeta vai se despedindo das alunas em nome de todas as integrantes.

— Nós agora vamos jogar todos os bambolês para o alto e imaginar que estamos jogando todos os nossos problemas e coisas ruins que não queremos mais para nossa vida. Um, dois, três...

Todos os bambolês são jogados para cima; alguns fotógrafos aproveitam para registrar o momento. A cena é realmente muito bonita. Após a queda dos vários arcos coloridos, Larissa recomeça a fala:

— Nós vamos deixar agora o chapéu para as contribuições, mas quem não puder, não tem problema. Aceitamos também trocas por roupas, artesanato ou comidas vegetarianas. Que o dinheiro, que serve apenas como moeda de troca, não seja um empecilho para compartilharmos arte.

Gostei muito da frase dela. O dinheiro, embora seja importante, não é o principal, não é o que as move. Aos poucos,

o chapéu se enche de notas de cinco, dez, 20 e até 50. Algumas alunas aproveitam também para levar um bambolê para casa.

Origens do bambolê

O bambolê surgiu no Egito Antigo, quando as crianças já brincavam com grandes argolas, mas ficou famoso em meados de 1958, quando uma fábrica americana de brinquedos lançou o primeiro modelo comercializado, que se chamava *Hula Hoop*. No Brasil, a responsável pela propagação do modelo foi a Estrela, que batizou o objeto de “bambolê” em referência à palavra *bambolear* — que quer dizer girar — e de lá para cá ele tornou-se brinquedo de milhares de crianças. Pelo menos foi sempre assim que eu o enxerguei até conhecer as meninas da companhia e descobrir que essa prática vai muito além de ficar girando o bambolê na cintura. Quando as vi pela primeira vez na Avenida Paulista em um domingo juntamente com a banda Picanha de Chernobill, imaginava que todos aqueles bambolês coloridos pendurados em araras eram só para crianças. Não podia estar mais enganada.

Assim como eu, muitas pessoas ainda não conhecem os benefícios que essa atividade pode trazer para o corpo. A CIA Bambolística trabalha e usa o bambolê em suas aulas e oficinas como uma técnica de autoconhecimento e percepção corporal. Quando você o utiliza, está em contato com todo o seu corpo por meio de uma série de movimentos. Mais do que um exercício, a atividade é uma dança ao mesmo tempo solta, sutil e precisa.

Nos anos 90, o grupo de axé *É o Tchan* ajudou a popularizar o bambolê em uma música que falava sobre o objeto:

*Vem na pegada do bambo, do bambo,
bambo, do bambo do bambolê*

*Você pode sambar com um bambolê
É só se ligar pra você aprender (...)*

O grupo era um sucesso. Não tinha quem não gostasse ou não dançasse ao som dos baianos, tentando imitar as coreografias interpretadas por Carla Perez, Sheila Mello e Scheila Carvalho.

Eu era uma delas. Lembro do bambolê do grupo, desmontável, com peças nas cores azul, amarelo e rosa. A música citada se dançava justamente com esse “Bambotchan”. Após o estouro e popularização, o produto foi sumindo aos poucos, e meu contato com o bambolê só se deu novamente quando conheci Mariana e sua irmã, Desire.

Confesso que nunca tinha visto a prática do bambolê por adultos ser encarada como uma atividade mais séria ou consequente. Em pesquisa no *Observatório de Turismo da Cidade de São Paulo*, produzido em parceria com a *SPTuris*, com levantamento e pesquisa do perfil dos artistas de rua, a atividade de bambolear sequer é citada.

Surgimento da CIA Bambolística

A CIA Bambolística é composta por Larissa Violeta, Larissa Lima, as irmãs Mariana e Desire Gonzalez, Érica Ribeiro e Giovana Rodrigues. Com idades entre 21 e 27 anos, essas meninas têm o sonho em comum de levar a dança para todos os cantos. A CIA começou a tomar forma em meados de 2014 quando Mariana, Giovana e outra amiga se conheceram em intervenções artísticas na cidade. Inicialmente, a ideia era divulgar a dança com o bambolê.

O contexto de formação da CIA envolve também a ocupação do Ouvidor 63, há dois anos, quando Mariana, juntamente com cerca de 80 artistas (muitos deles vindos do Sul em um ônibus, como uma espécie de caravana, todos juntos), ajudou a ocupar artisticamente um prédio do Governo do Estado que estava abandonado, na Rua do Ouvidor, 63, Centro de São Paulo (próximo do Terminal Bandeira e do fatídico Edifício Joelma — conhecido agora como Praça da Bandeira). O projeto, denominado “Ocupa Ouvidor 63”, tinha por objetivo transformar o prédio em um Centro Cultural que abrangesse diversos tipos de manifestações artísticas, e hoje já é reconhecido como a maior ocupação artística da América Latina. Esse prédio foi escolhido justamente por abrigar, anos antes, a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Depois, serviu como moradia irregular para algumas famílias por mais alguns anos, até ser desocupado e permanecer trancado. Por estar abandonado durante um bom tempo, o prédio estava sem luz e com muita sujeira. Os artistas ocupantes não só colocaram eletricidade em todo o prédio, como limpavam os 12 andares, começando pelos primeiros.

Foi no Ouvidor que Mariana e Giovana encontraram um espaço para as aulas de bambolê e oficinas, quando o prédio já estava ocupado pelos artistas. Ali também era um local onde podiam dançar e treinar. No dia em que fui conhecer o local acontecia a *1ª Bienal do Ouvidor* e, por conta disso, me deparei com muitas manifestações artísticas, tanto dentro como fora do edifício. A entrada do prédio é toda colorida, mas isso não disfarça a aparência antiga e os sinais do abandono. No chão de asfalto da rua, podia-se ler um enorme *OCUPA OUVIDOR 63* escrito com giz — a frase podia ser vista melhor dos andares de cima. Em frente ao local também estavam alguns artistas se apresentando e algumas araras de roupas de brechó para venda.

Sem elevadores, os andares são acessados por escadas circulares que ficam no final do corredor, no térreo. Na entrada, há algumas fotos e frases na parede, que são ‘ligadas’ através de antigos filmes fotográficos. Essa ‘linha do tempo’ conta a história do “Ocupa Ouvidor” até os dias atuais. Havia também algumas fotos de moradores do prédio e artistas que estavam expondo seu trabalho na Bienal. Como reformas são muito caras, os ocupantes fizeram o que podiam para tornar o local mais habitável; desse modo, pintaram e desenharam em paredes, colocaram quadros e cartazes, enfeites de todo o tipo.

Subi e conheci até o quarto andar. Percebi que os andares de cima não se diferenciavam tanto. Como é um prédio antigo, alguns locais são bem escuros — as escadas para acessar outros andares, por exemplo, são mal iluminados. Também havia alguns pontos de infiltração. O prédio ainda está em situação irregular; o atual governador, Geraldo Alckmin, tentou entrar em contato com os ocupantes, mas depois do primeiro contato, não deu mais notícias, pelo menos até outubro de 2016, quando escrevo este capítulo.

Encontrei Mariana no quarto andar para nossa conversa sobre a CIA Bambolística. Sentada calmamente no chão, desenhava figuras geométricas com um lápis em um pedaço de tábua de madeira. Ela também estava fazendo desenhos em xilogravura — técnica de gravuras em relevo, usando, para isso, pequenas facas ou estiletos. Com as pernas cruzadas, vestindo uma blusa vermelha, um short largo e chinelos, Mariana estava diferente daquela personagem fantasiada e hiperativa das ruas. Depois de um tempo, Desire chegou. Embora a CIA Bambolística seja composta por seis integrantes, decidi focar somente em Mariana e Desire, com quem eu passei mais tempo e também por Mariana ser uma das fundadoras do grupo.

Descemos até o terceiro andar, onde Giovana estava aguardando algumas pessoas para uma oficina de bambolê que ela daria um pouco mais tarde — a oficina fazia parte da série de atividades da semana na Bienal. Na sala onde estava, com o solo forrado por coloridos tapetes emborrachados que se encaixavam como um quebra-cabeças gigante, vários bambolês decoravam o chão. Ali sentamos, Mari, Desire, Giovana e eu, para uma conversa informal. Sobre a origem da CIA, Giovana conta:

— Eu morava no Estúdio Lâmina antes de me mudar pra cá. Lá, conheci a Mariana e o bambolê, e eu comecei a me interessar pela dança, até que passei a aprender com ela, e depois nós duas tivemos a ideia de formar a CIA Bambolística junto com a Anaís (uma amiga em comum que ajudou a fundar a CIA). Meu pai até hoje não entende o que eu faço, não sei dizer se ele gosta ou não. Ele diz que pra eu me tornar artista, eu deveria fazer uma faculdade de Artes, essas coisas. Já a minha mãe gosta e apoia. Ela sempre foi meio *hippie*, então entende e acha bacana o que eu faço, o que eu escolhi pra minha vida.

Mariana e Desire são mexicanas, e suas histórias com o bambolê começaram em meados de 2010.

— Nossa tia nos deu dois bambolês de natal, no México. A gente voltou e Mariana ficou ‘fritando’ (*treinando*) no bambolê todo dia... Depois foi ‘mó rolê’ pra entrar com o bambolê no aeroporto lá no México, o pessoal achava que tinha droga dentro do bambolê e fizeram a gente desembrulhar todo ele, torcer, apertar, pra realmente mostrar que não tinha nada.

Realmente, para Mariana o bambolê foi amor à primeira vista.

— Eu não esperava, me apaixonei. Eu fui pesquisando, vi que era uma atividade física que também era uma dança, e aí eu comecei a produzir alguns bambolês para as minhas irmãs, para minha mãe, para as amigas, e comecei a levar nas festas. Todo mundo ficava louco, todo mundo queria brincar e nisso eu fui crescendo cada vez mais...

Ela começou, então, a praticar e assistir aulas, através de vídeos no Youtube, para se aperfeiçoar. É nítida sua habilidade, leveza e desenvoltura. Às vezes utiliza um, dois, três ou até quatro de uma vez, bem como os bambolês de fogo. Desire, sua irmã, também pegou gosto:

— Ela começou a treinar e eu comecei a gostar também. Ela já tinha saído da escola e tinha mais tempo e eu não, então eu levava o bambolê na escola e ficava dançando no intervalo. Todo mundo na escola queria, mas ninguém tinha coragem de falar ou pedir.

As irmãs vieram para o Brasil há cerca de 16 anos. Questionadas se voltariam a morar no México, elas disseram que não, mas estão sempre visitando o país natal. De início, pode-se perceber que não são brasileiras pelo sotaque meio embaralhado. Entre elas, as conversas são sempre em espanhol e, quando faziam isso, eu raramente entendia o que estavam falando. Mas falam bem o português.

Ainda Desire narrando:

— Minha mãe se casou com um francês quando nós éramos pequenas, aí nos mudamos para o Brasil. Eu tinha oito anos e a minha irmã nove. Nós viemos porque minha mãe queria uma vida melhor, nos dar boa educação. A gente ficou um tempão aqui, depois fomos todos para a França e ficamos dois anos lá. Voltamos para o Brasil, e com as brigas, minha mãe se separou do meu padrasto e voltou para o México, e nós ficamos.

As irmãs moram no mesmo prédio que os guris da Picanha de Chernobill, no mesmo andar onde fica localizado o Estúdio Lâmina. O quarto delas é pequeno e apertado pela quantidade de coisas. Uma arara com roupas substitui o guarda-roupa. Na parede, vários bambolês pendurados, um violão, colares, artefatos indígenas e mexicanos e filtros dos sonhos. Uma prateleira exhibe memórias do México, como garrafas de tequila, esculturas e as típicas caveiras mexicanas.

Ao lado da porta há uma lousa com anotações da companhia, como dias e locais de apresentações, além de um iMac, usado para acessar a página da CIA Bambolística no *Facebook*. A página é a principal ferramenta de comunicação do grupo com suas alunas e simpatizantes, e lá são divulgados eventos e oficinas. As aulas regulares na Roosevelt também são anunciadas através da página, bem como o cancelamento ou a mudança de local. Por questões financeiras, elas vão deixar o Estúdio Lâmina para morar em Osasco, com outra amiga.

Na maioria das apresentações, as irmãs levam carrinhos com bambolês amarrados e uma arara desmontada que serve para pendurar os que não estão sendo usados ou os que serão vendidos. São carrinhos de mão, pequenos, destinados apenas ao transporte dos bambolês. Como eles não cabem no quarto, ficam no corredor. Praticamente todos os acessórios e instrumentos de trabalho da CIA ficam com as mexicanas.

As bambolistas fazem parte de um dos poucos grupos, ou senão o único, que se dedica à arte do bambolê em São Paulo, onde podem participar adultos e crianças em uma mistura de exercício, descontração e brincadeira. “Depois que a gente começou eu vi vários grupos de bambolê nas ruas, e antes eu não via nenhum”, declara Giovana. Nos dias que estão na

Avenida Paulista, é impossível uma criança não se aproximar e pedir para brincar e, assim que começa a rodopiar com o objeto de um lado para o outro, fica olhando para os pais, querendo chamar a atenção. Os adultos, por sua vez, acabam entrando na onda e começam a girar freneticamente a cintura para não deixar o bambolê cair. É uma atividade que envolve toda a família: “O bambolê é genial, é perfeito. Não tem quem não experimente e não goste”, diz Mariana. Algumas vezes até as avós ou avôs tentam bambolear com os netos. A princípio, os adultos ficam com vergonha, mas depois se soltam e costumam aproveitar boa parte do dia ali. Os meninos também entram na brincadeira, mostrando que a dança independe de gênero: “Muitos domingos eu vi meninos dançando, e às vezes são os pais que acabam baixando a ‘vibe’ dos meninos, dizendo: ‘bambolê é coisa de menina’, e eu falo: ‘que nada, moço...’”, conta Desire.

As integrantes costumam ir com seus bambolês à Paulista aos domingos, mas lá não é um lugar de apresentação fixa. Elas estão sempre mudando para parques, praças e diversos locais onde possam levar sua arte para a maior quantidade de pessoas possível. Somente as aulas noturnas na Praça Franklin Roosevelt, às quartas-feiras, são regulares. Mudanças ou cancelamentos só são feitos em dias chuvosos. Escolheram às quartas-feiras porque nesse dia ocorre o encontro circense dos malabaristas e elas aproveitam o grande fluxo de pessoas.

Elas não se lembram de situações de brigas ou desentendimentos nas ruas, mas relatam alguns momentos desagradáveis, conforme conta Giovana:

— Há uns meses saiu uma matéria da Veja chamada Paraíso dos Camelôs, falando super mal dos artesãos que ficam ali em frente ao Shopping Center 3, e no dia dessa reportagem

eu estava na Paulista com os bambolês. De repente, chegou a GCM falando que eu não podia expor os bambolês ali, vender mercadoria etc., aí eu disse: “mas eu não estou vendendo, eu estou fazendo uma manifestação artística”. Eu acho que ele nem sabia da lei que permite nosso trabalho nas ruas.

Geralmente são nos parques onde elas mais têm problemas para suas aulas e apresentações, em parte porque os administradores ou a própria Guarda Civil Metropolitana desconhece as leis e decretos que permitem o trabalho dos artistas nas ruas. Nem sempre todas as integrantes estão juntas nas apresentações/aulas/oficinas da CIA, na maioria das vezes porque estão fazendo outras oficinas e atividades em algum canto da cidade. Elas se apresentam como um grupo, mas na grande maioria das vezes fazem apresentações individuais, como é o caso de Mariana, que costuma se apresentar em festivais que ocorrem pelo Centro de São Paulo, e de Giovana, que recentemente viajou para Minas Gerais com o objetivo de divulgar a dança.

A Virada Cultural é um evento que conta com a presença confirmada de Mariana e, em algumas ocasiões, de outras integrantes do grupo. Ela costuma se apresentar no “Palco Lâmina”, dedicado a alguns artistas do estúdio, assim como a turma da Picanha de Chernobill.

Às vezes a CIA Bambolística vai para a Paulista com duas ou três integrantes — quase sempre Desire e Mariana. Além das apresentações, o que ajuda a complementar a renda das integrantes são as aulas regulares na Roosevelt, às quartas-feiras, e as irregulares durante os dias da semana. Em uma dessas aulas, que ocorreu no Centro Cultural São Paulo, não apenas estive presente observando, como participei. As meninas chegaram pouco antes do horário previsto. Larissa

Lima, Larissa Violeta, Mariana e Desire estavam presentes, cada uma carregando uma quantidade de coisas. Mais alunas e pessoas curiosas chegaram. Algumas frequentam as aulas regulares na Roosevelt. Reconheci uma loira alta e magra — que me confidenciou ser modelo — sem muito gingado para manter o bambolê na cintura. Antes da aula começar, as meninas se apresentaram, com Mariana, tomando à frente.

A aula começou da mesma maneira que na Roosevelt, com um círculo, mas dessa vez os alongamentos e aquecimentos ficaram por conta de todos. Cada um que estava na roda escolhia uma forma diferente de se alongar, e o restante imitava o gesto. Também estavam ali dois rapazes que realmente queriam aprender, pelo menos por algumas horas, a usar o bambolê. Em algumas situações alguns caras se aproximam e fingem interesse na arte para importunar algumas das integrantes, como presenciei uma vez na Praça Roosevelt, quando um rapaz fingiu estar bamboleando para ficar perto de Mariana. Elas já estão acostumadas quando esse tipo de coisa acontece e tiram de letra, mas esses acontecimentos não deixam de ser desagradáveis: “Nunca aconteceu nada impactante, mas a gente não deixa, ficamos juntas, e se precisar damos uns ‘esporros’ com o bambolê”, diz Desire em um tom engraçado. Por ser um grupo de mulheres, o assédio, infelizmente, é comum, conforme Giovana conta:

— A gente tenta barrar sabe, a gente mostra que não é uma coisa sexual, mas pode ser sexual se você quiser olhar dessa forma... Muitas vezes já me perguntaram: ‘ah, por que você não usa sutiã quando você está dançando?’, como se eu quisesse seduzir alguém. Eu sou mulher, mas eu não preciso cobrir meu corpo por causa de uma pessoa que só pensa em sexo, que olha pra mim como objeto sexual.

No final da aula, novamente fizemos uma roda, com o chapéu no centro. Algumas alunas colaboraram. Um dos homens que participou resolveu comprar um bambolê. Dessa vez, pelo que observei, o lucro foi menor que as aulas na Roosevelt.

Todas as meninas produzem e vendem os bambolês, a preços que variam de R\$ 40,00 a R\$ 200,00. “As pessoas não querem pagar, acham caro, e a gente explica que é uma coisa feita por nós, artesanal, que leva tempo e materiais também...” diz Mariana. O mais caro é o bambolê de LED (*bamboled*), feito com luzes. Seu efeito é lindo. A ideia de produzir os próprios bambolês foi de Mariana, que, quando começou a se interessar pela prática, não os encontrava para comprar em nenhum lugar.

— Eu comecei a produzir e eu queria fazer os mais bonitos e coloridos possíveis.

Nas apresentações do grupo, é raro que elas não vendam nenhum bambolê, mesmo com algumas pessoas reclamando do preço. O campeão de vendas é o dobrável, por ser mais fácil de transportar. Custa R\$ 70,00. Elas também oferecem oficinas de produção de bambolês, nas quais as alunas podem aprender a fazer seu próprio bambolê por cerca de R\$ 60,00, incluindo uma aula no mesmo dia.

Os bambolês podem ser comprados nas ruas via cartão, graças a uma pequena máquina azul de Desire conectada ao celular, e também pela internet para outros países.

— Recebemos muitos pedidos, já enviamos bambolês para a Rússia, e eu lembro que vendi para uma tailandesa também.

As bambolistas costumam usar roupas confortáveis e divertidas, além de maquiagens circenses. Os cabelos, às vezes,

ficam com algum penteado engraçado ou mesmo soltos, e as crianças se empolgam com o figurino inusitado. Elas chegam assim e vão para casa maquiadas, sem se importar em entrar no metrô caracterizadas.

Algumas situações desagradáveis já aconteceram envolvendo os vários bambolês que as meninas levam para vender ou emprestar para uso. Já houve casos onde, discretamente, algumas pessoas foram embora com os bambolês: “Já aconteceu muitas vezes das pessoas ‘meterem o louco’ e levarem os bambolês; se nós vemos, vamos atrás, mas às vezes tem muita gente e só percebemos depois”, diz Mariana. Desire também relata um dos casos:

— A gente emprestou um e depois percebemos que uma moça estava indo embora com nosso bambolê. Daí eu falei: ‘Moça, você pode devolver meu bambolê?’, e ela ficou brava, dizendo: ‘eu ia devolver, você acha que eu ia roubar?’. A gente tem que prestar bastante atenção nessas coisas, mas também temos que falar de um jeito que não ofenda ninguém...

Ao final do dia, aos domingos, Desire e Mariana voltam para casa levando um carrinho repleto de bambolês. Quando estão com as outras integrantes, essa tarefa é por vezes dividida. Nem sempre todas estão juntas, mas quando se reúnem, espalham alegria, diversão e sorrisos aos que estão dispostos a conhecer um pouco melhor essa nova forma de dança e percepção corporal.

ARTISTAS DE RUA NA CAPITAL PAULISTA: A QUESTÃO JURÍDICA

Em 2011, na gestão do então prefeito Gilberto Kassab (DEM), os artistas foram proibidos de se apresentar nas ruas da cidade de São Paulo. Passar o chapéu? Nem pensar. Vender produtos de autoria própria? Também não. Foi nesse clima de repressão que muitos artistas se viram desamparados em meio às ruas paulistanas.

Aqueles que fossem pegos pela Guarda Civil Metropolitana (GCM), Polícia Militar ou por qualquer outro tipo de fiscalização, tinham seus instrumentos, pertences ou produtos apreendidos e poderiam ser até presos, dependendo da situação, como foi o caso do guitarrista Rafael Pio.

Ele se desentendeu com os policiais quando eles quiseram confiscar seus equipamentos de som enquanto tocava na Avenida Paulista. Irritado, acabou batendo com sua guitarra no vidro da perua dos agentes e foi preso.

Essa constante fiscalização foi chamada de *Operação Delegada* e tinha como objetivo fiscalizar as ruas da cidade para

apreender o comércio ambulante ilegal. A medida, que não tinha objetivos muito claros, estendeu-se aos artistas de rua. A operação resultou de um convênio da Prefeitura de São Paulo e Polícia Militar e teve início em dezembro de 2009. A prefeitura alegava que por estarem “comercializando arte” os artistas deveriam pagar impostos como os outros comerciantes.

Na época, a Polícia Militar, por meio de nota oficial, afirmou que “as manifestações culturais podem ser exercidas em qualquer lugar e a Polícia Militar respeita e garante os termos constitucionais. Contudo, é preciso separar manifestação cultural da comercialização do talento. Quando há qualquer tipo de exploração comercial, caracteriza-se um evento e há a necessidade de autorização da Prefeitura, que é competente para disciplinar o uso e a ocupação do solo. No caso de artistas e pessoas que aproveitam para divulgar seu trabalho e comercializar CDs e DVDs, ou ainda ‘estátuas vivas’ que sugeriram algum pagamento em dinheiro, são situações que descaracterizam a manifestação cultural e se classificam como um evento.”

O ator e fundador do site *Artistas na rua*, Celso Reeks, em entrevista para o portal de notícias G1, afirma que o começo da *Operação Delegada* foi o pior momento.

— A desculpa do Kassab foi que essa operação que estava tirando os artistas fazia parte de uma operação maior da polícia *pra* combater o comércio ilegal, principalmente os ambulantes. Então eles começaram a tirar os artistas da rua com a desculpa que estavam fazendo comércio ilegal, faziam parte do comércio ilegal, quando não existe isso, o artista não vende um produto. O artista oferece sua arte para o povo, para a população, e aí ele recebe doação espontânea do público.

Com a Operação Delegada, diversos equipamentos e instrumentos utilizados nas apresentações dos artistas de rua foram confiscados com a desculpa de comércio ilegal, e vários artistas que se negaram a parar seu trabalho ou se rebelaram, dadas as circunstâncias, acabaram presos. A Constituição Federal garante o direito à liberdade de expressão artística no artigo 5º, inciso IX, e a livre manifestação de pensamento no artigo 220, porém esses direitos não eram respeitados ou sequer conhecidos:

Dos Direitos e Garantias Fundamentais

CAPÍTULO I - DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Após a prisão de Rafael Pio, surgiram várias manifestações e passeatas a favor da livre manifestação artística. Em resposta ao movimento, cerca de seis meses depois foi regulamentado o Decreto 52.504, de 19 de julho de 2011, que disciplinava o “uso de vias e logradouros públicos para apresentação de artistas de rua”.

Ficou autorizada a apresentação dos artistas de rua na cidade de São Paulo, bem como arrecadação de contribuições voluntárias por meio do chapéu, mas ainda havia proibições, como o comércio de produtos de autoria própria, o que inviabilizava o trabalho de muitos, como os artesãos, que continuaram sofrendo repressões.

Ainda em 2011 foi criado o Projeto de Lei nº 489/2011, que liberava e regulamentava a arte nas ruas e nos espaços públicos. Em 2013, finalmente, foi aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo e saiu do papel. Desse projeto de lei originou-se e regularizou-se, em 29 de maio, a Lei 15.776/2013, pelo prefeito Fernando Haddad (PT).

Após a regularização, os artistas puderam exercer suas atividades. Segundo Haddad, “os artistas de rua são importantes para termos uma cidade mais humana, com um ambiente mais saudável, mais prazeroso, mais seguro e que permita mais convivência”.

Essa lei é uma das primeiras do Brasil a regulamentar o trabalho dos artistas de rua e permite apresentações sem autorização prévia da prefeitura. Principalmente, autoriza a comercialização de materiais produzidos pelos artistas, como os artesãos.

Em 20 de março de 2014 foi regulamentado o Decreto 54.948, estabelecendo regras para liberação das áreas públicas. Algumas delas impedem apresentações a menos de cinco metros de pontos de ônibus e táxis, orelhões, acessos ao metrô, trem,

rodoviárias e aeroportos, além de monumentos tombados.

Os artistas devem estar a uma distância um pouco maior, cerca de 20 metros, de feiras de arte, artesanato, antiguidades e acessos de estabelecimentos de ensino. Quando houver hospitais e similares, os artistas não podem fazer nenhum tipo de ruído a menos de 50 metros, assim como em frente a guias rebaixadas, zonas estritamente comerciais, hidrantes e tampas de bueiros.

Esse decreto não foi visto com bons olhos. Pressionado pelos artistas, o prefeito Fernando Haddad concordou em iniciar a redação do decreto 55.140, assinado em 23 de maio de 2014, construído em parceria com representantes dos artistas de rua, substituindo o antigo decreto 54.948/2014. O prefeito disse à época:

— Em relação ao artesanato, ele vai funcionar muito semelhante à questão da comida de rua. O subprefeito vai definir os locais, verificar o interesse e organizar o espaço público para garantir que o verdadeiro artista tenha espaço na cidade, mas sem subverter o que foi conquistado.

Além da lei e dos decretos, o prefeito também aprovou, em 2015, o projeto *Paulista Aberta*. A avenida permanece fechada para veículos aos domingos, das nove às 18 horas, possibilitando acesso à cultura e ao lazer em meio a uma grande concentração de artistas de rua.

Segundo várias afirmações do prefeito, o fechamento da Avenida Paulista é uma medida de política pública com objetivo da população se apropriar da cidade e aumentar os espaços de lazer. Ainda em 2015, a Secretaria Municipal de Cultura lançou, em parceria com o *Movimento Artistas de Rua (MAR)*, a cartilha *Arte na Rua — um guia ilustrado sobre a legislação da cidade de São Paulo*.

SEGUNDO A CARTILHA ARTE NA RUA – UM GUIA ILUSTRADO SOBRE A LEGISLAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO, A ARTE DE RUA É:

- MÚSICA EXECUTADA EM SOLO OU GRUPO, COM OU SEM AUXÍLIO DE EQUIPAMENTOS DE AMPLIFICAÇÃO;
- ARTE CÊNICA (TEATRO, DANÇA, CIRCO E DERIVADOS), EXECUTADAS EM SOLO OU GRUPO;
- ESTÁTUAS VIVAS; LITERATURA (PROSA E POESIA), EM FORMA DE EXPOSIÇÃO DE OBRA OU DECLAMAÇÃO;
- ARTESANATO E ARTES PLÁSTICAS, DE AUTORIA DO PRÓPRIO ARTISTA, EM FORMA DE EXPOSIÇÃO, PERFORMANCE OU INSTALAÇÃO;
- CULTURAS TRADICIONAIS DE TODO O MUNDO, EM FORMA DE FESTEJOS, CORTEJOS OU QUALQUER OUTRO TIPO DE EXPRESSÃO. EXEMPLO: MARACATU, FREVO, SAMBA DE RODA, CONGADA, CAPOEIRA, MÚSICA ANDINA, RITMOS AFRICANOS;
- MALABARISMO (E OUTROS NÚMEROS CIRCENSES) NO FATOR.

O QUE A ARTE DE TUA NÃO É, SEGUNDO A MESMA CARTELA:

- REVENDA DE PRODUTOS INDUSTRIAIS OU QUALQUER OUTRO TIPO DE OBRA, SEM LIGAÇÃO DIRETA COM A APRESENTAÇÃO OU O ARTISTA;
- PREGAÇÃO RELIGIOSA COM USO DE EQUIPAMENTOS DE AMPLIFICAÇÃO;
- EXECUÇÃO DE MÚSICA MECÂNICA OU APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA PARA FINS EXCLUSIVOS DE VENDA DE PRODUTO OU DIVULGAÇÃO COMERCIAL;
- APRESENTAÇÃO DE ESPETÁCULOS COM UTILIZAÇÃO DE PALCOS.



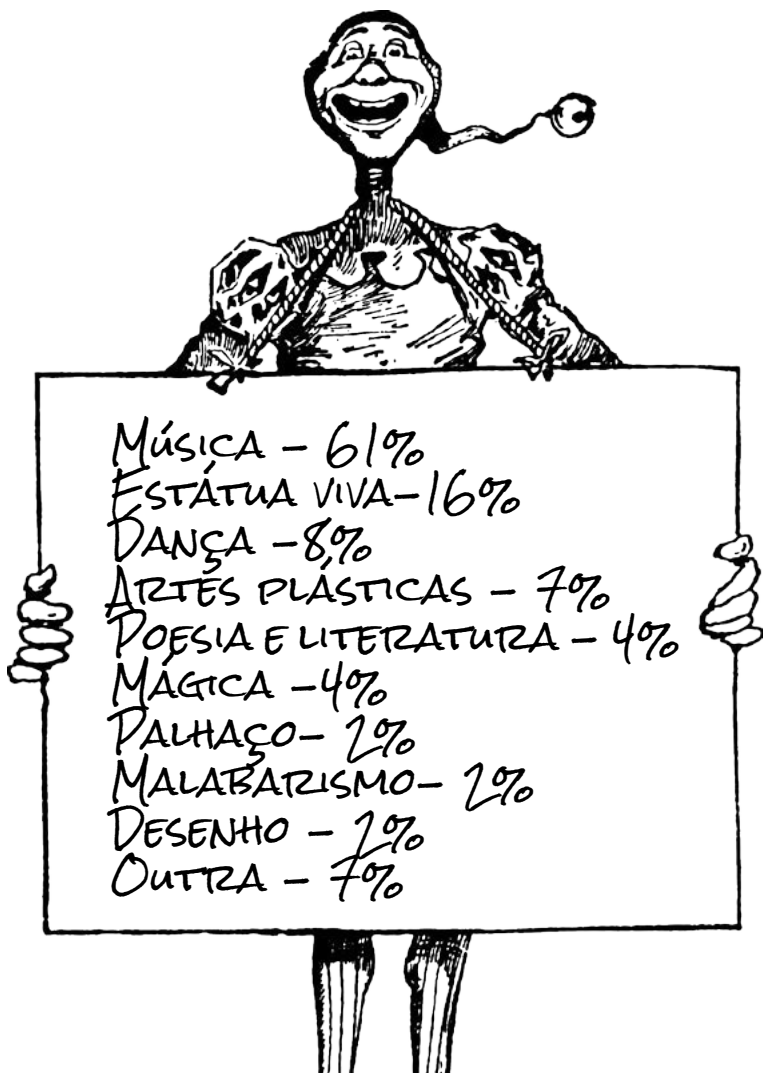
SEGUNDO O GUIA ARTE NA RUA - UM GUIA ILUSTRADO SOBRE A LEGISLAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO, TODO ARTISTA PODE:

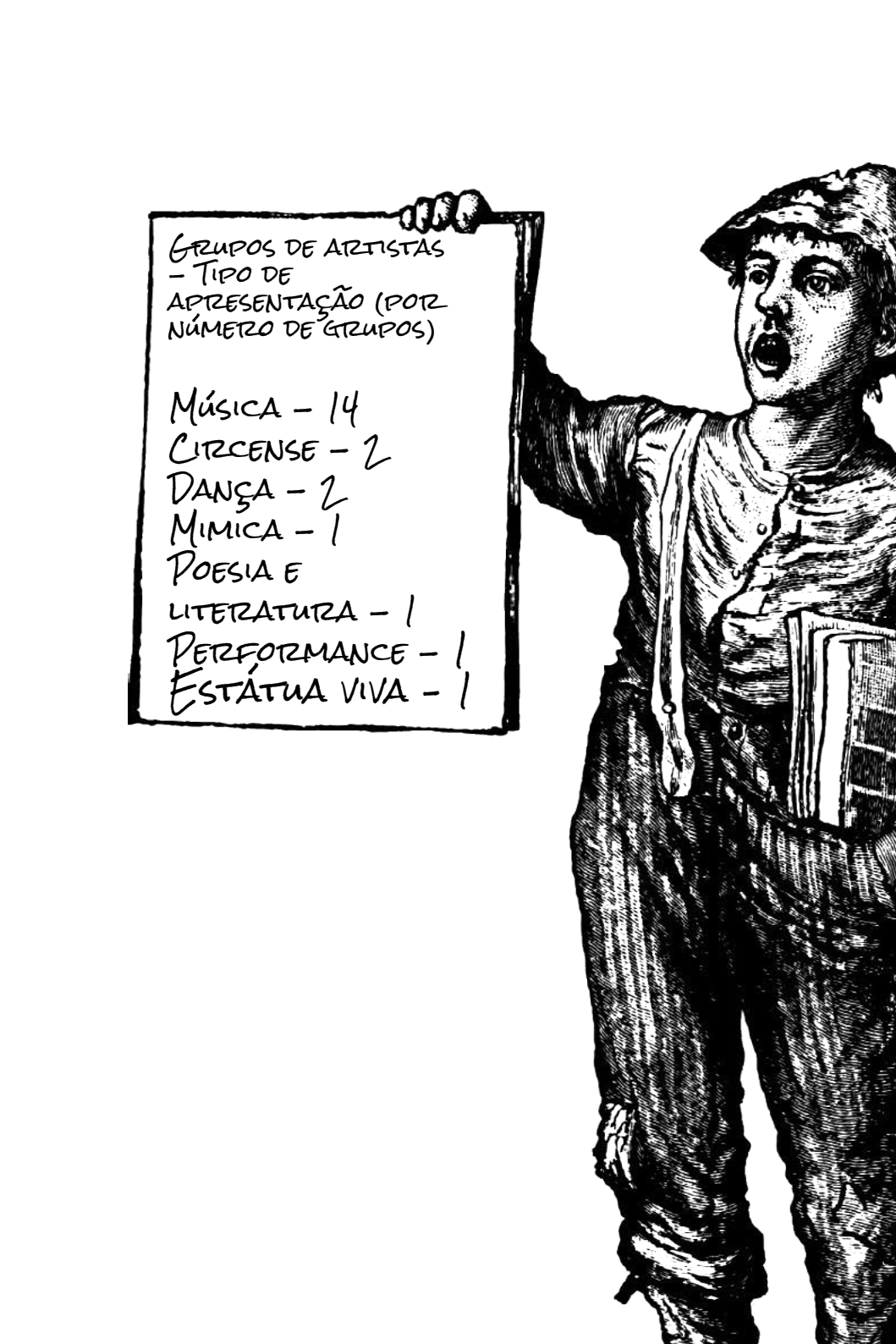
- APRESENTAR-SE SEM A NECESSIDADE DE AUTORIZAÇÃO, CADASTRO OU CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO, CONSIDERANDO AS EXCEÇÕES PREVISTAS NO ARTIGO 11 (LEI 15.776/MD13);
- APRESENTAR-SE EM QUALQUER TIPO DE LOGRADOURO, FAIXAS DE PEDESTRE, RUAS, AVENIDAS, CALÇADÕES, PRAÇAS, PARQUES OU QUALQUER OUTRO TIPO DE ESPAÇO PÚBLICO URBANO;
- PASSAR O CHAPÉU (RECEBER DOAÇÕES POR PARTE DO PÚBLICO);
- EM APRESENTAÇÃO OU EXPOSIÇÃO, VENDER MATERIAIS (COMO CD'S, DVD'S, QUADROS, PEÇAS ARTESANAIS ETC.), CONTANTO QUE TENHAM SIDO PRODUZIDOS PELO PRÓPRIO ARTISTA E TENHAM RELAÇÃO DIRETA COM SUA APRESENTAÇÃO;

TODO ARTISTA DE RUA DEVERÁ:

- MANTER O SEU ESPAÇO DE TRABALHO LIMPO E DEVOLVÊ-LO COMO RECEBEU;
- RESPEITAR OS LIMITES DE SEU ESPAÇO DE TRABALHO SEGUNDO A LEI 15.776, ARTIGOS III, IV E V;
- ZELAR PELA PRESERVAÇÃO E INTEGRIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO, TAIS COMO CANTEIROS DE PLANTAS, ÁRVORES, PAREDES, HIDRANTES ETC. INTERFERÊNCIAS NO MOBILIÁRIO URBANO PODEM SER FEITAS, CONTANTO QUE SEJAM FACILMENTE REMOVÍVEIS E NÃO CAUSEM DANOS À PROPRIEDADE PÚBLICA OU PRIVADA (EXEMPLO: VESTIR UM POSTE COM CROCHÊ);
- NÃO PRODUZIR EXCESSO DE RUÍDO QUE INCOMODE DEMAIS OS OUTROS;
- NÃO OBSTRUIR O TRÂNSITO DE PEDESTRES E VEÍCULOS;
- RESPEITAR OS ESPAÇOS RESERVADOS A PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA OU COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS;
- ZELAR PELA SEGURANÇA DA POPULAÇÃO, NÃO EXPONDO NINGUÉM A RISCOS DE QUALQUER TIPO, A NÃO SER AQUELES TOTALMENTE CONTROLADOS E QUE FAÇAM PARTE DE APRESENTAÇÕES QUE JOGAM COM O RISCO SEM EXPOR A POPULAÇÃO (EXEMPLO: MALABARES COM FOGO).

SEGUNDO O LEVANTAMENTO E PESQUISA DE PERFIL DOS ARTISTAS DE RUA, REALIZADA PELO OBSERVATÓRIO DO TURISMO DA CIDADE DE SÃO PAULO EM PARCERIA COM A SPTURIS, AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS ESTÃO ASSIM DISTRIBUÍDAS EM SÃO PAULO:





GRUPOS DE ARTISTAS
- TIPO DE
APRESENTAÇÃO (POR
NÚMERO DE GRUPOS)

MÚSICA - 14

CIRCENSE - 2

DANÇA - 2

MIMICA - 1

POESIA E

LITERATURA - 1

PERFORMANCE - 1

ESTÁTUA VIVA - 1

CONCLUSÃO?

E escrever esse livro não foi tarefa das mais fáceis. O tema sempre me despertou interesse e curiosidade, tanto por querer conhecer melhor a vida de um artista de rua, como para quebrar uma série de estereótipos que aprendemos sobre eles. Desde então, a ideia era mostrar o lado do artista de rua que as pessoas não conhecem, suas histórias e seu trabalho de uma maneira realista. Essa foi minha intenção nas páginas anteriores.

O caminho até aqui foi complicado. Procurar artistas que se apresentassem longe das ruas do centro e da Paulista era, na minha cabeça, quase impossível, afinal, o artista vai onde o povo está. Um site que me ajudou muito nessa busca foi o já citado *Artistas na Rua*. Através dele conheci pessoas interessantíssimas com histórias de vida igualmente interessantes.

Mas como o jornalista é também aquele que sai e vai em busca da pauta, comecei a procurar nas ruas das diferentes regiões esses artistas, o que foi bem difícil, porque nem

sempre eles ficam no mesmo local. A princípio, as andanças me fizeram conhecer artistas que acabaram se tornando meus amigos, mas que se apresentavam no eixo Centro/Paulista. A dificuldade existente em escrever um livro-reportagem em cerca de três meses, com outros compromissos concomitantes, também foi um grande desafio. Entendi porque um escritor demora tanto para publicar uma obra. Nem sempre o texto está pronto em nossa cabeça. Muitas vezes ficava olhando a página em branco do Word e o cursor piscando, sem saber como eu descreveria tudo o que tinha acabado de conhecer.

O desafio era também tornar isso entendível para o leitor, mas aos poucos as palavras foram se encaixando como um grande quebra cabeças de histórias variadas. Pelo curto espaço de tempo, o acréscimo de mais personagens não foi possível. Ainda há muitos artistas interessantes espalhados pela cidade de São Paulo para conhecer.

Uma das coisas que me motivou a escrever esse livro foi ver, ao longo dos anos, pessoas próximas ou reportagens reproduzindo o velho estereótipo do artista de rua: 'ele está ali por não ter opção', e vários outros apelidos ou frases preconceituosas. Por todos os lugares, muita gente ainda não tem um completo entendimento sobre o trabalho deles, e grande parte disso vem da falta de conhecimento. Quando não conhecemos algo, temos um julgamento errado ou vamos pelo senso comum. Acredito que o trabalho do jornalista é mostrar também o outro lado, levar informação para as pessoas, fazê-las pensar e mudar algumas visões.

Se eu consegui fazer isso com esse livro-reportagem? Não sei, mas mostrar a realidade, o trabalho e a vida de artistas de rua não só do centro da cidade já é um pequeno passo. Ouvi e

presenciei a urgência que eles tinham de mostrar seu trabalho, principalmente as dificuldades, para quem quisesse parar para ver. No começo, assim que fiz a proposta, muitos perguntaram se eu ia realmente mostrar o trabalho deles ou se seria só mais uma reportagem sensacionalista, como eles estão acostumados. Vi aí que eu poderia tentar fazer a diferença.

Quando fui até São Bernardo do Campo, naquela noite de sexta-feira fria e chuvosa, convidada para participar de uma reunião de artistas de rua, eu não sabia bem o que esperar daquele dia, tampouco imaginava que havia reuniões desse tipo. A única coisa que eu tinha conhecimento era o impasse que todo artista de rua ainda enfrenta nos dias atuais e seu desejo em tornar seu trabalho um ofício reconhecido. Em Suzano, percebi a dificuldade dos malabaristas em realizar qualquer projeto na cidade e a urgência em mostrar sua realidade e querer que suas vozes sejam ouvidas, já que são ignoradas pela prefeitura local, bem como pela Secretaria de Cultura.

Já quando adentrei na cidade de São Paulo e fui até o Jabaquara, na casa da artesã Priscila Guardanini, vi o quanto normal é sua rotina, sua casa, sua vida e sua família, e como as pessoas têm uma visão totalmente deturpada dos artesãos. Quantas vezes eu não ouvi amigos, parentes, conhecidos, etc., falando coisas como “Eles são todos ‘doidões’”, “Só ficam fumando o dia todo”, “Bando de drogado e desocupado”, e por aí vai, para não citar frases piores que sempre me irritavam (e irritam) muito. Priscila é uma pessoa que trabalha honestamente, e seu ofício só não é bem visto porque foge dos padrões da sociedade, que na maioria das vezes consiste em trabalhar em um local que não gosta, para quem não conhece, ganhando uma quantia que não é suficiente, para comprar coisas que não precisa.

Com o palhaço João Franco, na Zona Oeste, percebi que às vezes a missão de algumas pessoas é simplesmente ajudar outras. E é o que ele faz, mesmo recebendo muitos ‘nãos’, sendo ignorado nos ônibus, correndo de um lado para o outro e se machucando quando as portas do coletivo se fecham bruscamente. Ali vi como era desgastante sua rotina, vivenciei na prática um dia de seu trabalho e pude me deparar com diversos tipos de olhares e reações dos passageiros, bem como o cansaço que aquela atividade causava.

Em Abril, quando me juntei à rotina dos guris da Picanha de Chernobill para a composição do que possivelmente seria um capítulo do livro, não sabia o que esperar, nem mesmo que a convivência, inicialmente acadêmica, daria lugar a uma amizade. Passar os domingos na Avenida Paulista foi muito divertido (às vezes nem parecia que eu estava lá ‘a trabalho’), e junto com eles conheci outros artistas e locais interessantes como o Estúdio Lâmina e o Ouvidor 63, ambos desconhecidos pra mim até então. Juntamente com os gaúchos conheci as meninas da CIA Bambolística (que agora também fazem parte do meu círculo de amizades), seu trabalho com o bambolê e o quão interessante é essa atividade física (e como é difícil também — a primeira aula me deixou com as pernas doloridas no dia seguinte), que envolve crianças e adultos em uma mistura de práticas circenses com dança.

Conviver durante um tempo com alguns artistas, descobrir histórias de vida e acompanhar seu trabalho foi um processo que demandou tempo, vontade, persistência (para buscar mais artistas quando os contatos que eu tinha ‘sumiam’ de repente) e, principalmente, satisfação por ter feito um livro onde eu pude conhecer pessoas maravilhosas, locais que

sequer imaginava que existissem e um universo totalmente novo, com ideias novas, pessoas novas.

Fica meu agradecimento por ter feito parte de suas rotinas durante alguns dias e pela disponibilidade e boa vontade que todos demonstraram. Esse livro-reportagem, que costumo chamar de ‘um filho que gestei durante um ano’, foi essencial para minha formação acadêmica, não só como um Trabalho de Conclusão de Curso obrigatório, mas para me mostrar, na prática, o que é ser um jornalista, o que é descobrir mundos novos através da individualidade e das histórias de vida de cada pessoa.

À quem chegou até aqui: muito obrigada!!!

Título Artistas de rua além dos clichês

Formato	14x21cm
Tipografia textos	Minion Pro
Tipografia títulos	Rock Salt
Papel miolo	Pólen
Gramatura	80g/m ²
Papel Capa	Cartão Supremo
Gramatura	250g/m ²
Diagramação	Israel Dias de Oliveira
Revisão	Jacqueline Viana



EDITORA CASA FLUTUANTE
Rua João de Castilho Pinto, 79 - São Paulo - SP
Fone: (11) 2567-6904 / 95497-4044
www.editoraflutuante.com.br

Impressão PSi7 Printing Solutions & Internet7 S.A.
Rua Dom Bosco, 471 - Mooca - São Paulo - SP
Tel.: (11) 2928-4911 | <http://www.psi7.com.br/>

Com deslumbre ou sensacionalismo, as histórias dos artistas de rua em geral são narradas reforçando clichês. Porém, não é só pelo centro da cidade, em locais como a Avenida Paulista, que esses artistas dão duro. Além dos alegres domingos ensolarados nas famosas regiões endinheiradas da capital, eles estão espalhados, de segunda a sábado, por toda a Região Metropolitana de São Paulo, isso para falar somente da área que este livro-reportagem abrange. Nele, propomos uma abordagem das bordas para o centro, ou de fora para dentro da capital paulista, começando com São Bernardo do Campo e Suzano, até chegarmos à Praça Roosevelt, no miolo nervoso de São Paulo.

ISBN 978-85-5869-020-1



9 788558 690201